

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

EDNA MARIA ROCHA SANTOS

MEMÓRIA E MODERNIZAÇÃO: Os acontecimentos sociais e econômicos que influenciaram Picos na época da Ditadura Civil-Militar

PICOS-PI
2017

EDNA MARIA ROCHA SANTOS

MEMÓRIA E MODERNIZAÇÃO: Os acontecimentos sociais e econômicos que influenciaram Picos na época da Ditadura Civil-Militar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S237m Santos, Edna Maria Rocha

Memória e modernização: os acontecimentos sociais e econômicos que influenciaram Picos na época da Ditadura Civil-Militar / Edna Maria Rocha Santos. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (61 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

1. Discursos-Memórias. 2. Ditadura Branda. 3. Picos-Ditadura Civil-Militar. I. Título.

CDD 981.063



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos três (03) dias do mês de março de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Edna Maria Rocha Santos** sob o título **Memória e repressão no sertão: Condições de existir em Picos durante a ditadura Civil-Militar (1964-1985)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 2: Profª Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 03 de março de 2017

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador (a) 2: Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela dádiva da vida e por todas as realizações que tem feito nela, especialmente na conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, João Domingos e Maria Helena, especialmente minha mãe pelo amor e carinho que despejou/despeja em mim todos os dias. Obrigada por ter sempre acreditado em mim, me incentivando nas horas difíceis e de desânimo e por ter sempre contribuído para minha formação. Essa conquista também é sua!

Aos meus irmãos Érica Rocha e José Everton pelo apoio e incentivo.

Ao meu avô Domingos, pelo incentivo e apoio.

Aos meus irmãos de “coração” Cristiane e Erismar, (os quais sempre pude contar e confiar). Obrigada pelas conversas compartilhadas, pelo carinho, apoio e incentivo.

Ao professor Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, mais que um orientador foi um amigo. Logo quando o conheci, ainda pelas sociabilidades do Facebook, nunca hesitou em ajudar. Desde o primeiro momento você foi umas das minhas inspirações, um excelente profissional, no qual me espelho. Procurei fazer valer todas as vezes em que ocupei seu tempo, seja nas madrugadas e até nos fins de semana. Obrigada por ter acreditado em nossa proposta de estudo e pelo apoio prestado. A você devo a confiança em minha capacidade como pesquisadora.

Às minhas amigas da UFPI: Nádia, Anna Carolina Caminha, Mercês, Leiane, Larisse, Oziana, Danyele, obrigada pelo carinho e cumplicidade. Sei que a nossa amizade ultrapassará os muros da UFPI.

Em especial à minha amiga (para todas as horas) Nádia. Obrigada pela cumplicidade, amizade, paciência e parceria cotidianamente e nos trabalhos de graduação. Sua amizade é muito valiosa.

À minha grande amiga Anna Carolina, carinhosamente chamada de Carminha pelos amigos que conquistou na UFPI. Obrigada pela sua amizade, conselhos e experiência. Amadureci muito com sua amizade. Você foi uma das pessoas as quais sempre admirei por ser um exemplo de determinação e coragem, na qual sempre quis me espelhar. Sua amizade também é muito valiosa.

À minha querida amiga, Mercês. A você sou grata pelas diversas vezes em que foi minha confidente e conselheira, uma das primeiras pessoas que vi na UFPI e já sabia que íamos ser grandes amigas.

Aos amigos que também conquistei na UFPI, João Mateus, Kennya Raissa, Laila Pedrosa, Gabriel, Felipe, Admael, George, Aldefran, agradeço pelas conversas e bons momentos compartilhadas dentro e fora da UFPI. A vocês também sou grata pelas várias oportunidades que compartilharam de sua força pelos corredores, salas e bibliotecas da UFPI.

Em especial ao meu amigo João Mateus, agradeço pelas conversas sempre inteligentes e os momentos compartilhados. Te admiro muito!

A Tassio Ernandes, minha eterna gratidão pela imensa ajuda nos trabalhos da graduação, pelo carinho com o qual sempre me ajudou as diversas vezes que precisei. Obrigada por tudo meu amigo. Sou e serei imensamente grata a você.

À Fernanda, sou grata pelas boas conversas verdadeiras, conselhos, apoio e carinho que sempre despojou em mim.

Ao meu amigo Ikaro Góis, pelo carinho com qual diversas vezes leu incansavelmente este trabalho. Também sou grata por ter facilitado o acesso a alguns dos entrevistados.

A José Elierson, pela gentileza com a qual disponibilizou todos os arquivos dos Jornais e Atas de sessões da Câmara Municipal de Picos, e arquivos do 3º BEC digitalizados.

À professora Ma. Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira que, ainda no exame de qualificação, soube, com muita precisão e serenidade, formular críticas que foram decisivas para a solidificação desse trabalho.

Ao professor Dr. Gleison Monteiro, mais que um excelente professor foi um amigo. Agradeço ainda, pela compreensão que teve enquanto coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - Pibid e me fazer acreditar que é possível uma educação de qualidade. Também sou grata pelo carinho com o qual aceitou meu convite de fazer parte desta banca. Você é um dos meus grandes mestres.

A todos os professores e professoras, desde a minha Educação Básica até o Curso de História, que, de forma apaixonada, me conduziram nessa trajetória de ensinamentos e aprendizagens.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela manutenção do Pibid, no período de Fevereiro/2014 até Março/2016.

Minha eterna gratidão à Olivia Rufino, Raimunda Fontes, Oneide Rocha, Odorico Carvalho, Dr. Ozildo Batista, por compartilharem comigo suas vivências e sentimentos que, por meio de suas memórias tornou-se possível a construção dessa história.

E a todos que direta ou indiretamente me ajudaram, apoiaram e fizeram parte da minha vida e do meu processo formativo.

“Bem aventurado o homem que acha sabedoria e o homem que adquire conhecimento”.

(Provérbios 3: 13)

RESUMO

Esse trabalho visa analisar as condições de existir em Picos durante as décadas da ditadura Civil-Militar. Abordaremos alguns aspectos da cidade como os aspectos físicos e estruturais com o objetivo de conhecermos o ambiente no qual a sociedade picoense estava inserida nas décadas de 1964-1985. Ao ser reconhecida como cidade modelo, Picos ganha os olhares dos ditadores que a partir de então usam dos ventos da modernização para controlar a sociedade, cristalizando nela memórias e discursos positivos sobre a ditadura, embora essa mesma sociedade se dissesse contra esse regime militar, percebemos nas entrelinhas das narrações históricas dos depoentes fatos revelados por eles mesmo sobre a atuação da ditadura Civil-Militar em Picos que rompe com a historiografia local de que na cidade havia apenas uma ditadura branda sem a presença forte e cruel que sempre é relacionada a esse regime, para isso utilizaremos fontes orais e hemerográficas. Portanto, analisaremos os discursos acerca da ditadura Civil-Militar em Picos, com a intenção de construir uma nova história sobre esse regime nessa região, com intuito de romper com a ideia cristalizada de uma ditadura branda, para isso evidenciaremos atos como: controle, perseguição, repressão e tortura presentes em Picos.

Palavras-chave: Discursos e memórias; Ditadura branda; Picos.

ABSTRACT

This work aims to analyze the conditions to exist in the city of Picos-PI during the decades of the Civil-Military dictatorship. We will approach some aspects of the city as the physical and structural aspects with the purpose of knowing the environment in which the Picos society was inserted in the decades of 1964-1985. In being recognized as a model city, Picos gains the eyes of the dictators who from then on use the winds of modernization to control society, crystallizing positive memories and discourses about the dictatorship, although this same society was said against this military regime, we realize in between the lines of the historical narratives of the deponents facts revealed by themselves about the performance of the Civil-Military dictatorship in Picos that breaks with the local historiography that in the city there was only a soft dictatorship without the strong and cruel presence that always is related to this Scheme. Therefore, we will analyze the discourses about the Civil-Military dictatorship in Picos, with the intention of constructing a new history about this regime in this region, in order to break with the crystallized idea of a soft dictatorship, for this we will show acts like: control, persecution , repression and torture present in Picos.

Keywords: Discourses and memories; Bland dictatorship; Picos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAPITULO 1 - Um lugar no sertão do Piauí: a cidade de Picos e os discursos sobre a ditadura civil-militar no Brasil	18
2.1	Picos: aspectos físicos e estruturais	18
2.2	Picos em outros aspectos	21
2.3	Picos e os novos ventos da modernização	25
3	CAPÍTULO 2 – A memória e construção de uma ditadura branda em Picos	39
3.1	Ordem, segurança e modernização em Picos	39
3.2	Controle, perseguição e repressão em Picos.....	48
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS E FONTES	58

1 INTRODUÇÃO

É sabido que a Ditadura Civil-Militar¹ foi um longo período no Brasil, que teve início em 1964, chegando ao fim cerca de vinte anos depois, em 1985. Essa época foi marcada por diversos crimes como: violência, torturas, assassinatos, enorme censura a tudo que contrariava as doutrinas militares, a produção cultural e artística, a intelectualidade brasileira, ao movimento estudantil, sendo que a possibilidade de transformação da sociedade foi totalmente sufocada e reprimida.

As décadas da Ditadura Civil-Militar representaram, no Brasil, um momento em que os movimentos de contestação, como o movimento estudantil e suas várias organizações representativas, como os Diretórios Centrais Estudantis (DCEs), as Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs) e a União Nacional dos Estudantes (UNE), os movimentos contraculturais, entre outros, ganharam força e, apesar de possuírem reivindicações específicas, se uniam por expressar as contradições econômicas e sociais que perpassava a sociedade no período vigente.

De acordo com Pereira² a década de 1960 foi o embrião, mas os movimentos contra a ditadura se manifestaram com mais vigor nas décadas seguintes com uma onda de contestação das tradições ao modelo estabelecido. Os indivíduos, muitos jovens do rock, tropicalistas, dos movimentos estudantis e os hippies despertaram para a construção de uma identidade³ própria que fugia aos padrões que o regime estabelecido impunha, e promoviam rompimentos com os tabus morais e culturais, costumes e padrões vigentes, enfim, as instituições sociais queriam mais liberdade para se expressarem, tinham uma nova maneira de pensar, sentir e agir, criando outro “universo” com regras e valores próprios, que, por meio das ações de protestos, diziam não ao regime. Posteriormente, no capítulo dois, serão abordados com mais profundidade a relação da ditadura Civil-Militar com os costumes tradicionais, em duas vertentes divergentes.

A motivação para a pesquisa surgiu ainda nos tempos de escola, resultante de uma inquietação e até mesmo preocupação em compreender como era a cidade de Picos na época

¹ A expressão Ditadura Civil-Militar utilizada nesse estudo indica que vamos de encontro ao pensamento do historiador Daniel Aarão Reis, pois ao tratarmos apenas como Ditadura Militar, estaríamos ocultando, de fato, as bases sociais do conflito e suas complexas e profundas relações entre o regime de 1964 e a sociedade brasileira. Houve uma face civil para o golpe de 1964, já que o apoio de muitos setores da sociedade foi claro e forte o suficiente para sustentar os longos e cruéis anos de ditadura no Brasil.

² PEREIRA, C. A. M. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

³ De acordo com Stuart Hall a identidade é construída por meio da diferença, portanto consideramos interessante utilizar o conceito de identidade desenvolvido por Stuart Hall já que os estudantes e os hippies fugiam aos padrões estabelecidos, ou seja, se identificavam por aquilo que eles não eram.

da Ditadura Civil-Militar, já que estudos apontam o período como um dos mais cruéis da história do Brasil, visto que a tortura e o ataque que o regime impunha aos seus adversários, por meio de vários Atos Institucionais, culminou no Ato Institucional nº 5, o AI-5, que instaurou forte censura aos meios de comunicação e violenta repressão, que deixou centenas de mortos e/ou desaparecidos; milhares de opositores optaram pelo exílio; políticos e partidários cassados e presos; além da supressão de liberdades individuais.

Este trabalho tem como objetivo compreender os diversos discursos⁴ e olhares na cidade de Picos sobre o período da Ditadura Civil-Militar. Além disso, buscou-se analisar como as pessoas viviam e se “submetiam” ao regime existente, se existiam pessoas que agiam de forma contrária ao modelo estabelecido pela ditadura, sendo acusados de serem subvertidos.

Para atingir o objetivo, apontando anteriormente, se faz pertinente abordar vários aspectos da cidade de Picos, sem a pretensão de se aprofundar em todos eles, pois não será possível, neste texto, esgotar o assunto, mas sim dar algumas indicações que sejam relevantes para a compreensão do problema estudado.

Para isso, será apresentada uma análise do cotidiano político, econômico e social da cidade de Picos na década de 1960, tentando compreender as mudanças espaciais e urbanísticas na cidade no período de 1960-1980. Serão abordados os fatores que contribuíram para o processo de modernização, como a chegada do 3º Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC), a ocupação dos morros e a construção do Bairro Paroquial.

Todos esses aspectos serão abordados de forma breve, com o intuito de esclarecer algumas questões e chamar a atenção para a diversidade de perspectivas e vertentes que cercam a história da Ditadura Civil-Militar em Picos. Vale salientar que não é intuito aprofundarmos em todas essas questões, mas é de suma importância a análise de todas elas para que se possa conhecer e compreender os diversos discursos presentes em Picos na época da ditadura.

De início, a abordagem desses conteúdos se dará de forma geral com intuito de oferecer aos leitores o máximo de conhecimento referente ao tema. Com isso será possível

⁴ Utilizamos o termo discurso segundo a definição do conceito de Foucault, que define o seguinte “ Aí, também, não se pode reconstituir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Mas esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstituir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma”, ver mais sobre isso em Arqueologia do saber de Michel de Foucault.

direcioná-los ao problema da pesquisa que se dará, principalmente, sobre a instalação do 3º BEC, entre outras instituições instaladas, em Picos, ligadas direta ou indiretamente ao regime Civil-Militar. Serão levantados alguns problemas ligados a essa instituição, tais como - a ordem, a segurança e a modernização. Será realizada uma reflexão sobre como esses itens contribuíram para que a ditadura fosse vista como positiva, questionando como se construiu a ideia de uma ditadura branda. Em seguida, será evidenciado que essa ditadura não foi tão branda como se mostrou na história de Picos, pois existiram pessoas contrárias a esse regime que sofreram com controle, perseguição e tortura.

Nesse sentido, será realizada uma análise acerca de como a ditadura se utilizou de alguns meios, como a instalação do 3º BEC, para moldar o pensamento da sociedade picoense, afirmando que a modernização e os avanços só vieram em consequência da ditadura em si, construindo, portanto, o discurso de uma ditadura branda em Picos.

A realização desse estudo é de grande relevância já que se propõe a estudar uma fase tão distinta e crítica na história do Brasil, procurando investigar a existência de repressão, na cidade de Picos, na época da ditadura militar. Além disso, esse trabalho vai possibilitar revelar fatos que permaneceram silenciados por muito tempo.

É um trabalho de suma importância por tratar de um período recente da história de Picos, com vasta documentação, porém com precariedade de interpretações históricas, carecendo, assim, de um novo registro desse momento da história. É um trabalho inédito, pois, mesmo possuindo outras interpretações sobre o período e local, aqui estudados, esse tema não possui nenhuma pesquisa mais aprofundada.

Na escrita do trabalho, foram utilizadas fontes hemerográficas de grande relevância, como os jornais Voz do campus, O Profeta, O Macambira e Voz de Picos, uma vez que grande parte do que acontecia na cidade era evidenciado nas páginas desses jornais, que circulavam na cidade na época, utilizaremos os jornais como fontes de informações para conhecermos o contexto social de Picos, vale ressaltar que na produção desses jornais estamos atento para o fato de que as informações nele contido representam os ideais dos donos dos jornais, por isso utilizamos também os relatos orais, para termos acesso a mais uma versão do contexto social da cidade na época.

A pesquisa teve também como suporte a realização de entrevistas com sujeitos que vivenciaram a época tratada, por entendermos a História Oral como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de

narrativas da experiência humana”⁵. Ainda, segundo Freitas, História Oral é o método mais adequado para abordar a “narrativa da experiência humana” que por meio de recursos eletrônicos, esse método se torna fonte e técnica na produção de conhecimentos. A História Oral, além de um método, pode ser vista também como um meio de criar fontes, pois:

[...] a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas. Portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada, e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetos da pesquisa⁶.

Pode-se entender, também, o que é História Oral, por meio dos estudos de Delgado⁷ que, ao se referir sobre esse método, conceitua-o como um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões.

Contudo, para articular a pesquisa com base na metodologia da História Oral, é importante entender, dentro desse método, o conceito de Memória. Este entendimento se justifica, segundo Freitas⁸, devido a História Oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva, essa é uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.

A respeito da memória coletiva, Bosi⁹ afirma que essa memória se desenvolve partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais e entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, corrige e passa a limpo, pois vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. Entretanto a autora ressalta que “por mais que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.

Utilizando-se da História Oral por meio de entrevistas, deve-se considerar também a importância das histórias de vida, uma vez que, estas desabrocharão na medida em que os relatos forem se constituindo como fontes.

⁵ FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. p. 19.

⁶ Ibid.

⁷ DELGADO, L. A. N. **História oral, memória, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

⁸ FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. p. 19.

⁹ BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

De acordo com Jucá¹⁰: numa história de vida podem ser identificadas as rupturas e as continuidades, as coincidências no tempo e no espaço, “as transferências” de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano.

Considerando o debate, empreendido em torno da História Oral, como uma possibilidade que pode ser utilizada, não somente como um método, mas como uma fonte de pesquisa e, diante dos demais métodos apontados, espera-se que seja possível adquirir dados que auxiliem na construção desta pesquisa e colaborem para atender os objetivos almejados.

Partindo desta metodologia foram realizadas entrevistas com pessoas que vivenciaram o período da ditadura Civil-Militar em Picos, depoimentos de políticos, estudantes, professores que possivelmente lutaram contra o regime vigente da época.

Dentro desses aspectos citados foram realizadas perguntas aos entrevistados, com o intuito de analisar as condições de existir em Picos na ditadura. Desse modo, o trabalho problematiza as condições históricas de existência na cidade de Picos-PI durante o período compreendido entre 1964 e 1985. As perguntas, as quais se procurou responder durante a escrita do texto foram: Como era a cidade de Picos na época da Ditadura Civil-Militar? Quais intencionalidades atravessam os múltiplos discursos sobre a ditadura? Qual o lugar social do qual eles são enunciados? O que esses lugares sociais permitem dizer e o que eles interditam? E quais discursos eram contrários ao 3º BEC? A chegada do 3º BEC na cidade de Picos visava somente o progresso da região? Existiam pessoas contrárias ao regime em vigor? O que elas faziam para se manifestarem contra a falta de liberdade de expressão? Existiam práticas de repressão contra eles? De que acusavam os “subvertidos”? Como os governantes lidavam com aqueles que iam contra o regime já que viviam em uma cidade interiorana?

Assim, foram realizadas cinco entrevistas, a primeira com Olivia da Silva Rufino Borges¹¹; a segunda com Raimunda Fontes Moura¹²; a terceira com a Maria Oneide Fialho Rocha¹³; a quarta com o Odorico Leal de Carvalho¹⁴; e a quinta com Ozildo Batista de

¹⁰ JUCÁ, G. N. M. As trilhas opcionais nos caminhos da história. In: VASCONCELOS, J. G. et al. (Org.) **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001. p.22.

¹¹ Olivia da Silva Rufino Borges nasceu no Coroatá no dia 19 de abril de 1934, veio para a cidade de Picos com quatro anos de idade e foi vereadora pelo partido governista da ditadura Civil-militar a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) por 20 anos, foi eleita a vereadora ainda pela UDN (União Democrática Nacional).

¹² Raimunda Fontes Moura nasceu na cidade de Picos no dia 25 de novembro de 1947 era na época da ditadura uma estudante do Instituto Monsenhor Hipólito, “Colégio das Irmãs”. Atualmente é professora aposentada, Assessora Pedagógica do Colégio Santa Rita e artista plástica.

¹³ Maria Oneide Fialho Rocha, nasceu na cidade de Picos no dia 1 de janeiro de 1947, na época da ditadura era professora e foi durante muito tempo professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente é professora aposentada.

¹⁴ Odorico Leal de Carvalho nasceu em 02 de novembro de 1950, na época da ditadura em 1964, era estudante viciado em rádio e nas décadas de 1960 foi um dos fundadores do jornal *A Voz de Picos*, na cidade de Picos.

Barros¹⁵. Para nos auxiliar no processo de interpretação da história oral, utilizaremos como base as indicações de Freitas.

Em sua obra *História oral procedimentos e possibilidades*, Freitas faz menção a obra de Adam Schaff *História e verdade* (1983), onde o autor relata uma pesquisa sobre as causas da Revolução Francesa.

Schaff evidencia que a verdade histórica é complexa e que se constitui de verdades parciais e está por sua vez se torna relativa, ou seja, não existe uma história que seja uma verdade absoluta, tão pouco uma mentira, os historiadores podem utilizar fontes iguais, utilizar o mesmo objeto de pesquisa, seguir o mesmo roteiro de investigação, mas isso não irá lhe restringir ao mesmo ponto de vista que dos outros historiadores, isso não implicará em uma única verdade, se constituirá diferentes visões acerca de uma mesma fonte isso pode acontecer talvez pela diversidade e a variabilidade do ponto de vista do historiador.

A diversidade da verdade histórica está presente em diversos acontecimentos como na ditadura civil-militar no Brasil, essa diversidade pode ser atribuída também aos diferentes discursos. A produção de uma verdade histórica engloba vários fatores, portanto, é possível afirmar que toda produção histórica é questionável, sendo assim, será contestada a ideia de que em Picos não houve repressão, ressaltando como foi construída essa ideia e de que forma o estilo de vida tradicional de uma cidade interiorana influenciou nesses discursos.

Nesse sentido, a pesquisa lançou questões a esse momento histórico na cidade, tendo como objetivo analisar e problematizar tais discursos a partir de um corpus documental composto por depoimentos orais, jornais, registros históricos do 3º BEC, para isso foi utilizada a história oral, como base desse trabalho.

Durante este processo inicial de produção, foi de suma importância o diálogo com os livros: *Ditadura e democracia no Brasil: o golpe de 1964 a constituição de 1988* - Daniel Aarão Reis; *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar* - Carlos Fico; *1964: História do Regime Militar* - Marcos Napolitano; e *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)* - Rodrigo Patto Sá Motta. Tais obras possibilitaram maior compreensão do contexto histórico no qual o Brasil estava inserido na década de 1960. Além disso, buscou-se o amparado em dissertações e artigos, os quais foram imprescindíveis para a compreensão da temática trabalhada em Picos.

¹⁵ Ozildo Batista de Barros, nasceu no povoado Abóboras, no ano de 1956, na época ainda interior da cidade de Picos, ainda criança em 1964 trabalhava com os seus pais como lavrador, anos mais tarde no decorrer da ditadura foi vereador na cidade, e atualmente é advogado.

É importante destacar que, segundo o historiador Marcos Napolitano: “O historiador não é bombeiro nem juiz. Não resgata e não condena. Tenta compreender, criticar, apontar contradições, estabelecer conexões plausíveis a partir de uma argumentação baseada em indícios deixados pelas fontes”, é através dessas fontes que fornece Napolitano, e de historiadores como Daniel Reis e Rodrigo Sá Motta, questionam o que foi o processo de modernização no período ditatorial, no qual os valores democráticos eram colocados em segundo plano em nome do crescimento acelerado conhecido como o “milagre econômico” provocando um alto custo social. De acordo com Reis¹⁶, setores, categorias e regiões estavam pagando um preço altíssimo pela modernização do país, confirmando assim a emblemática frase do presidente Médici, proferida no auge do milagre: “O Brasil vai bem, mas o povo vai mal”¹⁷.

O primeiro capítulo intitulado “Um lugar no sertão do Piauí”, foi destinado à localização histórica da cidade de Picos, dando ênfase de como a população picoense se relacionou com a ambiência histórica do período da ditadura Civil-Militar, bem como analisou as transformações urbanas, sociais e culturais processadas em Picos, como também analisou em quais condições emergiram espaços como a Universidade Federal do Piauí (UFPI), o 3º BEC – Batalhão Visconde da Parnaíba, o Bairro Paroquial e a construção da Rodovia Transamazônica. A abordagem de todos esses aspectos se justifica para se conhecer a situação em que Picos se encontrava no período em que tais transformações começaram a surgir. Além disso, será analisado como a população picoense reagiu a essas transformações e como estas influenciaram no cotidiano da cidade.

O segundo capítulo intitulado, “A memória e construção de uma ditadura branda em Picos” tentou observar os diferentes regimes discursivos e de historicidade que conformaram as memórias sobre o período na cidade de Picos. Nesse capítulo, foram lançadas as perguntas: quais intencionalidades atravessam os múltiplos discursos sobre a ditadura? Qual o lugar social do qual eles são enunciados? O que esses lugares sociais permitem dizer e o que eles interditam? Tem como proposta analisar e problematizar a memória de alguns sujeitos sociais que sofreram algum tipo de repressão por serem considerados “comunistas” ou suspeitos de atos “subversivos” pelos grupos militares instalados no poder, pretendendo também compreender o impacto dos acontecimentos que marcaram aquele período na história de vida daquelas pessoas e assim analisar a trama histórica dos atores sociais implicados nos

¹⁶ REIS FILHO, D. A. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 á Constituição de 1988. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

¹⁷ NAPOLITANO, M. **1964**: História do regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014. p. 150.

acontecimentos vividos em Picos na década de sessenta do século passado. Foi abordado como a ordem, segurança e a modernização construiu um discurso positivo sobre a ditadura, e como a ditadura civil-militar agiu através da instituição do 3º BEC para cristalizar a ideia de ditadura branda e como os atos de controle, repressão e tortura, foram relatados pelos depoentes e como se deu a sua nova interpretação.

2 CAPITULO 1 - Um lugar no sertão do Piauí: a cidade de Picos e os discursos sobre a ditadura civil-militar no Brasil

2.1 Picos: aspectos físicos e estruturais

Conhecida na década de 1960 como município modelo do Piauí pelas suas potencialidades agrárias, minifúndios, e celeiro agrícola do estado¹⁸ a cidade de Picos¹⁹ sofria uma grande pressão sobre uma infraestrutura urbana muito saturada e congestionada²⁰. A cidade era afetada por graves problemas de estruturação urbana, tais como: ausência de saneamento básico, má distribuição de energia e água, ausência de calçamentos nas ruas, bem como a precariedade do transporte público urbano nos bairros. Dentre esses aspectos é possível salientar uma denúncia realizada pelo Jornal *Voz de Picos* em sua matéria: *Passagem das pedras reivindica melhorias*; editado em sete de março de 1983.

De antemão foram considerados gritantes, os problemas de falta de água no Bairro Boa Vista, de uma ponte sobre o Guaribas no local em que esta cruza com a estrada que vai para a Passagem das pedras, da falta de transporte coletivo, de telefones públicos e de uma instrução primaria naquele bairro.

Além dos aspectos urbanísticos precários, denunciado pelo jornal *Voz de Picos*, a cidade também enfrentava um quadro de saúde deficiente, catástrofes naturais como as cheias do rio

¹⁸ O título de município modelo do Piauí foi dado em 1965, pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário-INDA, atual Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

¹⁹ De acordo com Ceane Alves: Picos é uma cidade que situa-se na região centro-sul do Piauí. É conhecida por ter uma das maiores feiras-livres do Nordeste e por ter e sua economia predominantemente comercial, que abastece o seu micro e macrorregião. Possui o segundo maior entroncamento rodoviário do nordeste brasileiro. Geograficamente é cortada pela BR-316 e pelo Rio Guaribas. Atualmente congrega pessoas de várias localidades do Piauí, inclusive de outros estados do país. Essas pessoas vêm a Picos em busca de vários serviços como: saúde, emprego, comércio e educação. a cidade recebeu esse nome por causa dos montes picosos (morros) que rodeiam a cidade. p.22. SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Monografia (Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

²⁰ DUARTE, R. **A Reconstrução de uma cidade**: Plano de desenvolvimento para Picos. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002. 137p.

Guaribas²¹, motivo de preocupação anualmente dos picoenses, pois suas casas ficavam completamente debaixo d'água e famílias desabrigadas. No ano de 1960, a catástrofe foi ainda maior com a inundação de todo o centro urbano e adjacências, causando um momento de pânico na população picoense.

Imagem 1 - Fotografia da Rua São José, centro de Picos. Casas destruídas pelo Rio Guaribas. (Março de 1960).



Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

Raimunda Fontes Moura conhecida como Mundica Fontes²² que, na época era estudante confirma o episódio acontecido em Picos, no ano de 1960:

As cheias de 1960 foi a maior e mais marcante para a população picoense por que a cidade ficou submersa e os moradores ficaram todos desabrigados,

²¹ Ver mais sobre o assunto em RODRIGUES, L. B. A. **Cidade sob as águas de março**: História e Memória de Picos no período das (pós-) enchentes (1960). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011.

²² Raimunda Fontes de Moura era na época uma estudante do Instituto Monsenhor Hipólito, “Colégio das Irmãs”. Atualmente é professora aposentada e Assessora Pedagógica do Colégio Santa Rita. É artista plástica e conhecida pela população como Mundica Fontes.

até então a gente convivia era com a seca, mas, não com enchentes tão grandes como aconteceu em 60²³.

Como relatado anteriormente por Raimunda Fontes, é possível confirmar a inundação do Rio Guaribas ao se observar, na imagem acima, os locais de habitação e os centros de comércio, a região central da cidade de Picos estava embaixo d'água. Ao centro pode-se observar a rua São José e, mais ao fundo, encontro dela com as ruas Santo Antônio e São Francisco, que juntamente com a Av. Getúlio Vargas eram as principais ruas do município, não esquecendo as ruas Coronel Francisco Santos e Coelho Rodrigues.

Os bairros e ruas mais afetadas, como é evidenciado na imagem, pelas cheias abundantes e temidas do rio Guaribas eram os bairros Ipueiras, Trizidela, Rua São Francisco e os demais à beira do Guaribas.

Durante a pesquisa em jornais percebeu-se que o problema das cheias do Rio Guaribas era um problema comum em Picos. As inundações eram denunciadas pelos jornais como um descaso do governo com a população. Esse descaso é denunciado nas páginas do jornal *Voz do Campus* em sua matéria, *Rio desafia a cidade*, editado em vinte oito de abril de 1973 “É de se registrar as centenas de casas (barracos) que caíram nos bairros Trizidela, Ipueiras e em toda a beira do Rio Guaribas”.

Como foi possível verificar nas páginas do jornal acima, os bairros Trizidela, Ipueiras e os arredores do rio Guaribas, além dos moradores ficarem desabrigados em decorrências das cheias ainda viviam em situações críticas de moradia e imensa pobreza. Com tal situação, o padre Alfredo Schaffler²⁴ sentiu a necessidade de que a paróquia de Picos fizesse um loteamento para retirar esses moradores que viviam em área de risco e que ficavam desabrigados no período das cheias, como relata Oneide Rocha²⁵, que na época era professora e atuante de movimentos religiosos.

Em 1968, chegou aqui um padre chamado Alfredo Schaffler acho que era da Áustria e todo ano o rio enchia e esse povo que morava na Trizidela ficava desabrigado ai tinha que sair, então ele comprou a essa dona Romana essas terras na encosta do morro da Mariana e a paróquia de Picos loteou e trouxe

²³ MOURA, Raimunda. Fontes. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro de 2015.

²⁴ Padre Alfredo Schaffler, era um missionário franciscano de origem austríaca, que foi padre na cidade de Picos, a partir do ano de 1968 até 1996, ganhando grande respaldo e popularidade na cidade. Era conhecido pela sua simplicidade e bondade com os necessitados.

²⁵ Maria Oneide Fialho Rocha nasceu em Picos era professora na época da Ditadura e participou de grupos religiosos, como o MIC atuou na luta pela democratização durante o regime. É ex-professora de pedagogia da Universidade Federal do Piauí, campus de Picos.

o povo que estava na Trizidela para morar aqui e ai foi feito esses loteamento só que perdeu o controle e subiu o morro.²⁶

Percebe-se, através da memória da entrevistada Oneide Rocha, que o Bairro Paroquial²⁷ de Picos foi um loteamento resultante a partir do trabalho do padre Alfredo Schaffler, que comprou o terreno com o objetivo de tirar o povo da área de risco que morava na Trizidela, pois, em consequência das chuvas, todo ano o rio transbordava e a população ficava desabrigada e para, evitar essa desagregação, o padre Alfredo que, segundo Oneide Rocha, era uma pessoa muito sensível à pobreza e ao sofrimento do povo, comprou o terreno próximo ao morro da Mariana e o loteou, onde posteriormente foi formado o bairro Paroquial. Porém, houve o crescimento desorganizado da cidade e a ocupação dessa área cresceu de forma desordenada ocasionando a ocupação de territórios não significativos para a habitação.

Picos também sofria com a poluição visual e ambiental, além de possuir um quadro de saúde deficiente²⁸. Mas todos esses problemas, de certa forma, influenciaram sua modificação e talvez sua modernização.

2.2 Picos em outros aspectos

A década de 1960 do século XX, no que diz respeito ao cenário político, social e econômico em todo o país, foi marcada por intensa efervescência e conflitos, especificamente pela convicção entre militares e civis de um levante comunista²⁹ no Brasil. Desde 1947, boa parte das elites militares e civis no Brasil estava alinhada ao mundo “cristão ocidental”, liderado pelos Estados Unidos, contra a suposta ameaça de “expansão soviética”³⁰ e com o cenário da guerra fria polarizando o mundo em dois blocos, o capitalista e o socialista. Essas ações possivelmente possibilitaram conflitos internos dentro da sociedade brasileira, alimentando velhas posições conservadoras e bandeiras do anticomunismo, ocasionando um

²⁶ ROCHA, Maria. Oneide. Fialho. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. PICOS (PI). 20 de janeiro de 2016.

²⁷ Ver mais sobre o assunto em O espaço dos “pobres”: a criação do bairro Paroquial. In: MOURA, J. E. S. **Os múltiplos dizeres sobre a cidade: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

²⁸ Ver mais sobre o assunto em SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

²⁹ “Comunismo para [Marx], era o estágio da sociedade humana onde não mais existiriam exploradores e explorados, onde a exploração do homem pelo homem tivesse chegado ao seu fim”. OLIVEIRA, M. A. **Contra a Foice e o Martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal “O DIA”**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2007. p.18.

³⁰ NAPOLITANO, M. **1964: História do regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 12.

cenário de tensão na América Latina onde os defensores desses regimes almejavam o controle ideológico mundial.

Para o historiador Carlos Fico, a ideologia dos Estados Unidos contribuiu e muito para a propagação dos discursos anticomunistas no país, pois semeavam e difundiam esse ideal até torná-lo uma importante disputa na expansão do confronto ideológico.

Percebe-se que essas representações e discursos anticomunistas tomaram corpo em todos os cantos do Brasil e em todas as camadas da sociedade, presentes nos principais veículos de comunicações, assolando assim receio nos cidadãos. Dentro dessa perspectiva, através da memória de Raimunda Fontes, moradora da cidade de Picos no Piauí e ex-professora, serão analisados os discursos do contexto histórico e social que contribuíram para levar o país a desembocar em uma ditadura Civil-Militar.

Em 1966 é que eu tive realmente conhecimento do que era a ditadura militar, a gente comprava, lia jornais pra nos informar e as informações que a gente tinha era pelos rádios, você sabe que os meios de comunicação tem muita coisa distorcida, também nos amedrontava muito a gente tinha muito medo, os pais da gente que tinha uma formação mais antiga eles falavam que o comunismo ia tirar a liberdade, os bens de todas as pessoas, ouvia falar que comunistas eram pessoas ruins, e as pessoas morriam de medo ao ouvir falar do comunismo como se fosse assim aquelas lendas que vinha a *besta fera* então assim o comunismo era tratado como a *besta a fera* na época. A ditadura foi para impedir a entrada do comunismo só que na realidade era o regime fechado de Fidel, o comunismo de Fidel Castro era o que realmente eles queriam implantar no Brasil³¹.

Nas palavras de Raimunda Fontes, é possível perceber o receio e o medo que estavam presentes no cenário picoense, podendo observar também que as pessoas tinham uma ideia negativa formada sobre o comunismo e, de acordo com a depoente, “o comunismo era tratado como a *besta fera* da época”, que de certa maneira auxiliou na construção da ideia de que a ditadura seria algo positivo “para impedir a entrada do comunismo”. Mesmo essa sendo a visão das pessoas com uma “formação mais antiga”, alguns indivíduos da sociedade picoense já percebiam a ditadura como “algo diferente” e a assemelhava a ditadura de Fidel Castro.

Dentro do regime da ditadura Civil-Militar no Brasil algumas práticas foram consideradas subversivas. É possível verificar, mais adiante, que alguns se manifestavam em jornais, como na coluna do jornal O DIA, da capital do Piauí, Teresina, Simplício Mendes,

³¹ MOURA, Raimunda. Fontes. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro de 2015.

um piauiense político e colunista escreve em uma coluna cujo título é “Comunismo e Revolução”:

O comunismo nega todos os direitos espirituais e diviniza a matéria. Todos os princípios educacionais e familiares da civilização cristã são negados. Portanto a catástrofe, rebaixando-nos ao nível de Cuba - a grande ilha do Caribe, caída nas malhas de aventureiros e traidores da Pátria³².

Constata-se que os veículos de informações, principalmente os jornais, possuíam forte influência na mentalidade dos seus leitores³³, pois o posicionamento adotado, principalmente pelo colunista e político Simplício Mendes, ao tecer críticas a governos de ideais socialistas ajudava a construir uma memória de discurso anticomunista no Piauí. Segundo Oliveira³⁴, o golpe Civil-Militar utilizou o discurso comunista para se legitimar e aqui no Piauí e em Picos cidade interiorana não foi diferente. Muitas pessoas foram influenciadas a apoiar o golpe sem que ao menos soubessem o que se tratava o comunismo e já propagavam discursos anticomunistas.

Dessa forma, realizou-se uma reflexão sobre os discursos anticomunistas que se instalaram no Brasil segundo a qual, para livrar o Brasil da “ameaça vermelha” e do golpe que segundo os militares, Goulart com o apoio dos esquerdistas e dos governos de influência soviética queriam implantar no País, sendo esta concepção objeto de discordância de muitos historiadores. No entanto, Rodrigo Patto Sá Motta³⁵ e vários outros historiadores definem o discurso anticomunista como contribuição para justificar o golpe civil-militar implantado no Brasil.

É nesse caminhar que, no final de março de 1964, civis e militares se uniram dando um golpe de Estado que depôs o presidente da República legalmente eleito João Goulart, mergulhando o país em uma fase crítica de sua história que marcou a nação seu povo e suas instituições, golpe este, apontado por muitos historiadores, que fora tramado dentro e fora do País. Segundo Daniel Aarão Reis, a revolução foi iniciada pelas tropas do general Olímpio Mourão Filho do 4º Exército que ordenou, ainda à noite, a partida de suas tropas sediadas em

³² Jornal **O DIA**, 1994, nº 1206, p.3.

³³ Ver mais sobre o assunto em MOTTA, R. P. S. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, v. 138, p. 93-105, 1998.

³⁴ OLIVEIRA, M. A. **Contra a Foice e o Martelo**: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal “O DIA”. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2007.

³⁵ MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: O anticomunismo no Brasil (1917-1964).

Juiz de Fora-MG, para o Rio de Janeiro. Satisfeitos, os chefes da contrarreforma, tinham o ideal que estavam salvando a democracia brasileira do comunismo e da corrupção³⁶.

Os ventos da ditadura Civil-Militar trouxeram consigo incoerências bem claras de seu regime, em nome do crescimento acelerado e “modernização” do país, simultaneamente o acesso da população aos direitos de bem-estar foram sufocados e reprimidos presente no próprio discurso do presidente militar Emilio Garrastazu Médici, ao falar a frase emblemática “O Brasil vai bem, mas o povo, ou pelo menos grande parte dele vai mal”³⁷. Nesta frase o presidente Médici, ao afirmar que o “Brasil vai bem”, afirmava que a maquinaria do poder queria mostrar o quanto o país ia bem economicamente, no qual era colocado em prática através de um discurso de obras arquitetônicas e infraestrutura havendo muitos debates historiográficos sobre esse período intitulado como “milagre econômico”.

Consoante os estudos de Oliveira, Santos e Neto³⁸, no governo de Médici foi instituído o modelo de desenvolvimento, conhecido como “I Plano Nacional de Desenvolvimento-PND” (1972/1974), que almejava alcançar o desenvolvimento do Brasil e colocá-lo na categoria das nações desenvolvidas duplicando a renda per capita até 1980 e fazendo atingir um crescimento anual do PIB entre 8% e 10% ao ano, indicava também as possibilidades de organização futura do território. Para isso, implantou alguns programas que fomentavam suas aspirações, entre eles o Programa de Redistribuição de Terras (PROTERRA) e de estímulos à Agroindústria do Norte e do Nordeste, e o Programa de Integração Nacional (PIN) nele, esse governo Federal elaborou e colocou em execução um planejamento rodoviário que propunha integrar todo o território nacional, o investimento previsto no subsetor de transporte era de 9% do Produto Interno Bruto (PIB).

Em 1960, Picos no cenário político, social e econômico também foi marcada pela intensa efervescência e conflitos, o que também acabou resultando num clima de tensão na sociedade picoense nessa época, vejamos a seguir como os ventos da modernização foram sentidos na cidade de Picos.

³⁶ REIS FILHO, D. A. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 á Constituição de 1988. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

³⁷ NAPOLITANO, M. **1964**: História do regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014. p. 150.

³⁸ OLIVEIRA, L. C.; SANTOS, G. M.; NETO, M. L. S. O Programa de Integração Nacional (PIN) junto ao Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (1972/1974). X Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. P. 3202-3207.

2.3 Picos e os novos ventos da modernização

E no intuito da “modernização” do “ser moderno”, os ventos da ditadura trouxeram para Picos um discurso de invenção da “pobreza”. Acredita-se que esse discurso possivelmente se formou com o intuito de obter uma justificativa para a cidade ser inserida no PIN³⁹.

Vale lembrar que a área de interesse do presente trabalho se fez sobre a região de Picos, mas se torna inerente a abordagem de um contexto mais geral. Por isso, em muitos pontos desse trabalho, o Brasil é englobado, de certa forma, até que se consiga adentrar nos aspectos que dizem respeito a Picos.

Para se compreender como o Plano de Integração Nacional (PIN) foi inserido nesse contexto de modernização de Picos, alguns questionamentos se fazem presentes como: o porquê a vontade de modernizar? Quem estava por trás desse desejo de modernização? O que almejava?

Para a inserção do PIN em Picos foi criado um decreto-lei, promulgado no terceiro governo militar pelo então presidente Garrastazu Médici em 16 de Junho de 1970. Como nos relata o Diário Oficial da União (DOU), no dia seguinte a sua promulgação, foi divulgado:

DECRETO-LEI Nº 1.106 – DE 16 DE JUNHO DE 1970 [...]. Cria o Programa de Integração Nacional [...]. O presidente da república, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 55, item II, da Constituição e considerando a urgência e o relevante interesse público de promover a maior integração a economia nacional das regiões compreendidas nas áreas de atuação SUDENE e da SUDAM [...]⁴⁰

Portanto, como é evidenciado no DOU, o PIN retém suas ações nos territórios de atuação da SUDAM e SUDENE⁴¹, nas quais são compreendidos os territórios da Amazônia e do Nordeste obtendo nessas regiões suas ações prioritárias. Sendo assim, o PIN o carro chefe da ditadura no qual seus dois pilares primordiais do governo Médici eram o

³⁹ MOURA, J. E. S. **Os Múltiplos Dizeres Sobre A Cidade**: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

⁴⁰ JUSBRASIL. **Decreto-lei 1106/70 | Decreto-lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970**. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/125994/decreto-lei-1106-70>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

⁴¹ SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia).
SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste).

“desenvolvimento” e a “segurança nacional”⁴², e no pilar do “desenvolvimento”, através do PIN, a maquinaria do poder queria mostrar que se estava vivendo um “milagre econômico”, despertando um sonho de país desenvolvido nos quais se utilizavam de discursos e propagandas tais como:

[...] Slogans otimistas, animando encorajando com mensagens positivas construtivas e ufanistas: Pra frente, Brasil. Ninguém mais segura este país. O futuro chegou. Brasil, terra de oportunidades, potência emergente. Para os que ainda discordavam, restava a porta de saída [...]: Brasil ame-o ou deixe-o⁴³.

Toda essa estratégia de propaganda do governo federal na época provocou na sociedade brasileira um sentimento de euforia desenvolvimentista com altos índices de aprovação do governo em que a população acreditava que as políticas da ditadura colocariam o Brasil no curso do progresso. Entretanto, foi percebido que as estratégias dos discursos oficiais podiam ser uma tentativa do governo em atrair o apoio da população⁴⁴. E o que se convencionou chamar de “milagre econômico” foi a chave que fez crer na capacidade e no sucesso do governo da ditadura. Governo este conhecido como os “anos de ouro” e os “anos de chumbo”⁴⁵ no qual esse “milagre” propagado pela maquinaria “foi incapaz de beneficiar de modo substantivo diversos setores modernos”⁴⁶ gerando desigualdades sociais e regionais “setores, categorias e regiões estavam pagando um preço altíssimo pela modernização do país”⁴⁷.

Onde o sucesso “econômico” e a violência andam lado a lado, entrando na história como um governo de estabilidade econômica bem como utilizava da tortura como política de estado. Nesse sentido o “milagre econômico” pode ser utilizado também para encobrir os abusos de poder.

⁴² SOARES, F. M. **O Governo Médici e o Programa de Integração Nacional (Norte e Nordeste)** - Discursos e políticas governamentais (1969-1974). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

⁴³ REIS FILHO, D. A. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 á Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

⁴⁴ SOARES, F. M. **O Governo Médici e o Programa de Integração Nacional (Norte e Nordeste)** - Discursos e políticas governamentais (1969-1974). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

⁴⁵ Anos de Chumbo corresponde ao período mais repressivo da ditadura Civil-Militar no Brasil, que esteve no poder o general Emílio Garrastazu Medici, o terceiro presidente eleito indiretamente desde o Golpe Militar de 1964, e membro da chamada "linha dura" das Forças Armadas, favorável a um aumento dos métodos repressivos e antidemocráticos, estendendo-se basicamente do fim de 1968, com a edição do AI-5 em dezembro daquele ano, até o final do governo Médici, em março de 1974.

⁴⁶ REIS FILHO, D. A. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 á Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014. p. 88.

⁴⁷ Ibid.

Nos idos da ditadura o governo federal prometia “desenvolver” o Nordeste e “colonizar” a Amazônia através do Programa de Integração Nacional que visava à construção da Rodovia Transamazônica e a Cuiabá-Santarém, presente no discurso da matéria *Jornal do Brasil* na década de 1970:

Nas reuniões ministeriais previstas para hoje, estarão presentes os ministros da Fazenda e dos Transportes. Srs. Delfim Neto e Mário Andreazza. Segundo os técnicos, a construção da Transamazônica põe por terra definitivamente o projeto do lago amazônico planejado pelo *Hudson Institute*. A opinião de técnicos que participaram das últimas discussões sobre o Programa de Integração Nacional-nome dado ao projeto de construção da Rodovia Transamazônica e da Cuiabá-Santarém acompanhado da colonização das áreas adjacentes numa extensão de 10 quilômetros de largura-indica que a decisão do Governo de adota-lo agora, com a urgência com que foi feito, está intimamente ligada a última crise do Nordeste gerada pela seca.⁴⁸ (sic)

E, em nome desses ventos da Segurança Nacional, o governo militar decidiu inserir o nordeste e a cidade de Picos, pelo motivo da construção da rodovia Transamazônica, e essa cidade ser considerada por muito tempo como Quilômetro Zero, no Programa de Integração Nacional, como é possível perceber no discurso da matéria do *Jornal do Brasil* é de extrema urgência do governo a construção das rodovias Cuiabá-Santarém e principalmente a Rodovia Transamazônica, em consequência do fenômeno natural a seca que assolava a região nordeste, havia um sentimento de medo de “subversão” por parte dos nordestinos ao governo militar. A partir de uma das suas falas o presidente Médici relata que dois dos problemas do Brasil são “o homem sem terras no nordeste e a terra sem homens na Amazônia”⁴⁹. A Rodovia Transamazônica seria um instrumento eficaz para retirar do nordeste um alto índice de flagelados para “colonizar” a região amazônica considerada uma região de vazio demográfico. Em consequência desse alto índice de flagelados na região nordeste para “colonizar” a região Norte, especificamente a Amazônia, foi implantada a rodovia Transamazônica considerada por muito tempo seu “marco zero” na cidade de Picos, segundo Moura⁵⁰, a transferência do 3º BEC para a cidade de Picos se justifica pela “cidade ser escolhida como ponto de junção da malha rodoviária do nordeste, conhecida como o “marco

⁴⁸ NOVA frente. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, ano LXXX, nº 61, p.14, 18 junho de 1970

⁴⁹ SILVA NETO, M. A. Políticas Públicas, propaganda e movimentos sociais na Amazônia do período militar. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimentos históricos e diálogo social, 22 a 26 de Julho de 2013, Natal-RN. ANPUH. *Anais...*p. 02.

⁵⁰ MOURA, J. E. S. *Os Múltiplos Dizeres Sobre A Cidade*: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

zero” da Rodovia Transamazônica e também por sua localização geográfica⁵¹” o que facilitaria a ligação de diversas regiões não apenas do nordeste como outras regiões do país.

Segundo Reis, apesar de compromissos com a linha dura havia um discurso sobre democracia e desenvolvimento econômico, como nos relata Olivia Rufino, vereadora em Picos por mais de vinte anos e domiciliada na cidade na época, aborda a presença do presidente Emilio Garrastazu Médici no Picos:

Teve um presidente ditador Emilio Garrastazu Médici andou o nordeste todo em plena seca e olha eu vivi de olho em tudo e praticamente a cidade não tomou conhecimento, poucas pessoas apenas. Ele veio em Picos olhou a seca o analfabetismo do povo, a ignorância o estado de miséria e os sem-terra, e ele botou a pedra fundamental o Km 0 da Transamazônica, ele queria ligar o Brasil todo através da Transamazônica, as margens das estradas do lado e do outro ele queria arrancar todos os sem-terra⁵².

Como relatado acima segundo Olivia Rufino, o presidente Médici veio ao Nordeste em consequência do problema de ordem natural, a seca, além disso, queria arrancar essas pessoas que não tinha onde morar, as margens da Rodovia Transamazônica, mas poucas pessoas tiveram conhecimento dessa viagem a cidade, pois, também não está evidenciada essa informação nas páginas dos jornais corroborando assim, para imaginarmos que o conhecimento da depoente do fato narrado pode estar associado a mesma fazer parte do partido político Aliança Renovadora Nacional (Arena) que dava sustentação política ao governo civil-militar.

Como mencionado acima Olivia Rufino era vereadora na cidade de Picos da ARENA. A nossa intenção não é universalizar um só discurso, pois, não é esse o Ofício do Historiador.

Nessa linha de análise, pela região Nordeste conter um grande índice de flagelados na visão dos governantes poderia incitar um “perigo” de “subversão interna”⁵³, como aponta a reportagem do *Jornal do Brasil*:

Deputados estaduais denunciaram ontem, em telegrama à bancada federal do Ceará, a existência de grupos subversivos interessados em aproveitar a situação de seca para provocar agitação entre os flagelados do interior. Boletins de incitação “estão circulando em alguns municípios do interior

⁵¹ Ibid., p. 73.

⁵² BORGES, Olivia. Silva. Rufino. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI). 18 de dezembro de 2015.

⁵³ MOURA, J. E. S. **Os Múltiplos Dizeres Sobre A Cidade**: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

cearense, todos acusando o Governo Federal e a Sudene como responsáveis pela fome e pelas dificuldades que atingem o homem do campo⁵⁴.

Percebe-se que havia um sentimento de medo em decorrência da questão de ordem natural, a seca na região nordeste em especial em Picos, ao possuir um alto índice de flagelados havia uma preocupação de culpabilidade por parte do governo ao permitir tal situação, pois as pessoas invadiram os comércios da cidade à procura de alimentos, remédios e roupas⁵⁵, no campo já que a questão agrária foi um dos estímulos ao golpe de Estado que incitou a ditadura, e a maquinaria do poder com o objetivo de evitar o certo “perigo de subversão” promulgou o Estatuto da Terra, afirma Otavio Ianni:

O Estatuto da Terra adotado pelo governo do Marechal Castelo Branco (1964-1967) foi principalmente um instrumento para indicar, aos latifundiários e empresários rurais, qual seria a direção conservadora da política agrária a ser posta em prática pelos governos saídos do golpe de Estado. Ao mesmo tempo, o governo do Marechal Castelo Branco passava a intervir nos sindicatos rurais, fechar as ligas camponesas e prender líderes camponeses no Nordeste e em outras regiões onde as lutas de camponeses e operários rurais já haviam avançado bastante, em termos de organização, reivindicação, liderança, etc⁵⁶.

Portanto, o “perigo de subversão” no campo nos evidencia a questão da Terra representar um problema de Segurança Nacional, e com vistas no Estatuto da Terra promulgado ainda no governo Castelo Branco, a continuidade das ações governamentais no campo desembocam no PIN articulado diretamente para ingerir-se na questão agrária no país, com isso o presidente Médici pretendia acabar com os problemas das regiões Nordeste e Amazônia, em consequência anunciou a Transamazônica em Picos, também com o objetivo de evitar um certo “perigo de subversão” retirando os “subversivos” do campo para “colonizar” a região amazônica. Com vistas no discurso da maquinaria do poder esse Programa de Integração Nacional foi o carro chefe da ditadura contribuindo para o “desenvolvimento” do país como também aniquilar as ameaças à segurança nacional.

O 3º BEC é também uma forma de segurança nacional ele não veio a Picos inocente não, veio porque era um entroncamento rodoviário uma cidade que despontava no Nordeste, ai veio na época para um pouco calar a voz dos estudantes universitários [...], eles tinham o nome dos professores e todo

⁵⁴ SÊCA é pretexto à subversão, dizem deputados. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, ano LXXX, nº 15, p. 14, 25 abr. de 1970.

⁵⁵ MOURA, J. E. S., op. cit.

⁵⁶ IANNI, O. IANNI, O. **Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979. p. 38.

mundo era fichado lá no 3º BEC era tudo vigiado e a gente sabia disso, nos finais de semana tinha militares ele conviviam com a gente numa boa como se fosse a coisa mais inocente do mundo mas a gente sabia que eles estavam lá para saber que movimento é aquele para saber qual o conteúdo de palestras[...] um dia eu estava em sala de aula e as meninas começaram a fazer algumas críticas e de repente eu recebi visita querendo saber o que aconteceu no colégio (colégio das irmãs) em sala de aula⁵⁷.

A vinda do 3º BEC, de Natal-RN para a cidade de Picos, não foi somente para construir trechos da rodovia transamazônica como se pode observar no relato acima de Oneide Rocha.

Como se pode perceber, a chegada do 3º BEC na cidade de Picos não foi apenas para a construção de trechos da rodovia Transamazônica, mas também foi de ordem de segurança nacional vigiando diariamente a população nas escolas, praças, encontros e igrejas, para que estes cidadãos não viessem a criticar e não fazer nada que atingisse o regime em vigor. Além da ordem de Segurança Nacional e da Construção de trechos da rodovia a vinda do 3º BEC a Picos trouxe também outros ares, outros costumes. No âmbito comercial houve a possibilidade de novos empregos como também houve o surgimento de aglomerações da cidade⁵⁸. E também houve a criação do Projeto Rondon, para o desenvolvimento das cidades interioranas.

Segundo Sousa⁵⁹ o contexto de criação do Projeto Rondon traz consigo as marcas de sua origem, ainda segundo Sousa, o Projeto Rondon surgiu no final da década de 1960 com a movimentação de voluntários com o propósito de ajudar a resolver os vários e graves problemas que afetavam as populações do interior brasileiro, utilizando a mão-de-obra e os conhecimentos dos universitários durante os períodos de férias. Mas que, por trás de toda essa proposta se camuflava possivelmente uma estratégia para afastar os estudantes das manifestações de oposição ao governo ditatorial, era uma tentativa de mão dupla, ao passo que além de manter os estudantes longe das principais manifestações, eles estariam com a mente ocupada, pensando como iriam contribuir para o desenvolvimento do país.

Com isso, e vistas ainda nos dois pilares fundamentais do carro chefe da ditadura, o “desenvolvimento” e a segurança nacional, o governo Médici se preocupava com a transferência da população dos estados e cidades com maior índice populacional ao passo da

⁵⁷ ROCHA, Maria. Oneide. Fialho. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI). 20 de janeiro de 2016.

⁵⁸ Como o bairro da COHAB e o bairro unha-de-gato onde se encontra a sede do batalhão em Picos, atualmente recebe o nome de Bairro Jardim Natal .

⁵⁹ SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

colonização da região norte do país⁶⁰, e pela matéria do *Jornal do Brasil* de janeiro de 1972 foram divulgados os estados e cidades que seriam assistidas pelo Projeto Rondon:

O Projeto Rondon partirá agora para a instalação de *campi* avançados no Nordeste, segundo anunciou ontem o Ministro do Interior, General Costa Cavalcanti, em palestra para o conselho de reitores, atualmente reunido em João Pessoa. Em sua conferência, cujo contexto foi divulgado pelo seu gabinete, o General Costa Cavalcanti revelou que os quatro primeiro *campi* do Nordeste serão instalados em Picos, no Piauí, Imperatriz, no Maranhão, e Barreiras e Irecê, na Bahia⁶¹.

O Projeto Rondon foi destinado em primeira instância para os estados do Nordeste como mencionado acima pela matéria do *Jornal do Brasil* considerada como uma região pobre e com um grande “perigo de subversão” e assim foram considerados também “pontos estratégicos” por onde passava a rodovia Transamazônica como afirma a reportagem do *Jornal Diário de Notícias* em janeiro de 1972,

Com Picos e Imperatriz, ainda na área do Nordeste, o Ministério do Interior inicia a implantação de “Campi” avançados em pontos estratégicos da Rodovia Transamazônica, visando a apoiar a comunidade das cidades que cresceram sem o correspondente ordenamento social e econômico das cidades que apresentaram esse descompasso destacaram principalmente Altamira e Marabá, que tiveram suas populações quintuplicadas em pouco mais de um ano⁶².

Percebe-se que também por onde passava a rodovia Transamazônica o governo destinou vários *campi* avançados onde a maquinaria se utilizava do discurso de “apoiar a comunidade das cidades que cresceram sem o ordenamento social e econômico” e assim ao passo da construção da rodovia Transamazônica a população dessas cidades iam saindo de sua terra natal no nordeste considerado pelos “donos do poder” de grande contingente populacional e colonizando a região norte considerada pelos mesmos uma região de grande vazio demográfico “resolvendo” os dois grandes problemas do Brasil na fala do presidente Médici “o homem sem terras no nordeste e a terra sem homens na Amazônia⁶³”.

⁶⁰ MOURA, 2014.

⁶¹ COSTA, C. Projeto Rondon estende agora sua ação ao Nordeste. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 7, 22 jan. 1972.

⁶² Operação Rondon mais intensa no Nordeste. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, s/ano, nº 15.109, p. 3, 27 jan. de 1972.

⁶³ SILVA NETO, M. A. Políticas Públicas, propaganda e movimentos sociais na Amazônia do período militar. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimentos históricos e diálogo social, 22 a 26 de Julho de 2013, Natal-RN. ANPUH. **Anais...**p. 02.

Com isso a maquinaria do poder destinou para as várias cidades do nordeste inclusive Picos, o projeto Rondon, no qual estudantes voluntários das universidades se preocuparam em ajudar a população nos vários problemas (como a seca, a falta de moradia, saúde entre outros) que lhes afligiam através do entusiasmo dos professores e universitários que se utilizavam de seus conhecimentos para corresponder aos anseios da população⁶⁴, pelo qual os jovens eram mantidos afastados dos protestos e manifestações de oposição ao governo vigente da época⁶⁵ sendo mais uma estratégia da maquinaria, como afirma Lima:

[...] às mobilizações políticas dos estudantes, a ditadura respondeu com autoritarismo e coerção no mais das vezes. Outras medidas também foram tomadas pelos “donos do poder” com o objetivo de afastar dos meios estudantis aquilo que lhes parecia ser, em seu vocabulário anticomunista, “subversão” e “racionalismo”. Talvez a principal dessas iniciativas tenha sido a criação do Projeto Rondon, considerado anos mais tarde por sua equipe organizadora como a “nossa solução” particular para o descontentamento estudantil e a questão do engajamento político de esquerda dos estudantes brasileiros durante os anos sessenta⁶⁶.

Sendo assim a maquinaria do poder tentava afastar os estudantes de qualquer manifestação contra seu governo mantendo as mentes dos universitários ocupadas e fora dos grandes centros, para não incitar um perigo de “subversão” com discursos “anticomunistas” que eles poderiam propagar.

A equipe desse projeto era composto por professores e universitários, que a cada seis meses chegava uma nova equipe, atuando em diversas áreas tais como educação, direito, saúde, higiene, esportes, cursos de capacitação dentre outros⁶⁷. Também elaboraram jornais que muito circulou pela cidade como o jornal Voz do Campus⁶⁸.

⁶⁴ Que deixaram escritos alguns trabalhos sobre Picos, como o Jornal O Macambira.

⁶⁵ SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

⁶⁶ LIMA, G. A. B.. “**A contestação, um fenômeno mundial**”: movimento estudantil e a ditadura-civil-militar nos primeiros anos do Projeto Rondon (1967 – 1969). Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340545664_ARQUIVO_GabrielAmato-TextoparaaANPUH2012.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

⁶⁷ SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História). (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

⁶⁸ De acordo com Ceane Alves a voz do Campus era: A voz do Campus era um jornalzinho mimeografado, e segundo seus próprios criadores, os rondonistas, sugeriu para divulgar os trabalhos que estavam sendo desenvolvidas pelas equipes do Projeto Rondon e também para divulgar para outras cidades, principalmente Goiânia e Brasília, o que aconteceu na cidade de Picos. (p.47). Ainda de acordo com Ceane Alves o jornal O Macambira foi criado em 22 de dezembro de 1975 pelos rondonistas que atuavam em Picos. Era um jornal informativo, distribuído gratuitamente a população. O objetivo era informar e ao mesmo tempo divulgar as atividades realizadas pelo PR, além de informar as principais notícias da cidade. (P.51)

Os universitários traziam consigo o anseio de ajudar nos problemas da população proporcionando uma condição de vida melhor, e pela fala da nossa entrevistada a cada mês que uma equipe chegava era uma animação para os picoenses que viam muitos jovens chegando na cidade com outros costumes, e a movimentação constante para uma cidade que até então ainda era pacata e pequena, não se via tantas pessoas circulando no centro.

Os estudantes tiveram um importante papel dentro do Projeto Rondon e na sociedade em que se fazia presente esse projeto, muitos jovens acreditavam que estavam contribuindo com o desenvolvimento do país.

De acordo com Pravato:

Nos anos 60, os estudantes tiveram um papel intenso na política brasileira. Após o golpe de 1964, a insatisfação dos jovens eclodiu em protestos, manifestações, conflitos e movimentos de massa. Desde o governo Goulart, se organizaram, na oposição, em associações como a União Nacional dos Estudantes (UNE). Durante a presidência da Costa e Silva, foram vítimas de repressão e reagiram intensamente. Os jovens se preocupavam em construir uma sociedade mais justa, sobretudo, se interessavam por problemas específicos da educação. Portanto, tinham grande predisposição em contribuir com o desenvolvimento brasileiro⁶⁹.

É, portanto, com essa perspectiva que se deve observar a fala da nossa depoente Olívia Rufino em relação ao Projeto Rondon e os universitários.

Olívia Rufino afirma que ambos, os alunos e o Projeto Rondon “contribuíram e muito para o desenvolvimento socioeconômico visto que Picos era uma cidade pacata do interior do Piauí, na qual a população era carente e ansiosa por ações e benefícios que proporcionassem bem-estar e progresso social”, como nos relata no seguinte trecho:

O governo federal fez no Junco uma casa imensa com alojamentos completos de todos os móveis para alojar a equipe do projeto Rondon de todo o Brasil, mais especificamente de Goiânia, eles ensinaram a educação piauiense tudo o que faltava, nossa educação foi muito boa o projeto Rondon trouxe pra gente novidades e coisas boas da vida do centro-oeste que estava em evidencia no Brasil inteiro. Você sabe que um médico chamado Inocêncio descobriu que o povo aqui tava morrendo de doença de chagas ele foi em São José do Piauí achou o barbeiro bicudo mandou pra São Paulo e veio a análise, ele passou 12 meses, porque o projeto Rondon era 6 meses⁷⁰.
(sic)

⁶⁹ PRAVATO, C. M. **Projeto Rondon e Ensino no Brasil**: construção de uma aliança entre conhecimento empírico e científico. Universidade Salgado de Oliveira-Universo/Juiz de Fora p.2. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pravato-camila-projecto-rondon-e-ensino-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

⁷⁰ BORGES, Olívia. Silva. Rufino. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI). 18 de dezembro de 2015.

Percebe-se pela fala da entrevistada que a cidade sofria com a falta de saneamento básico ocasionando as doenças e ainda de acordo com a depoente a solução para essa doença se deu graças aos voluntários do Projeto Rondon.

Com o Projeto Rondon foram criadas e executadas as operações, programas que visava atender a demanda de universitários interessados em participar, visto que foi bastante significativa a participação dos universitários nas tarefas de desenvolvimento e integração nacional que abrangiam vários setores como nos informa Ceane Sousa:⁷¹

As atividades extencionistas proporcionadas pelo PR em Picos tiveram um importante papel para aproximar a universidade da população e na construção de uma sociedade com mais oportunidades de desenvolvimento. Os trabalhos que eram realizados pelos rondonistas variavam de acordo com as necessidades e dificuldades de cada comunidade. Em Picos, os rondonistas atuaram nas áreas de educação, direito, saúde, higiene, esportes, cursos de capacitações dentre outros⁷².

Dentre essas operações no setor da educação se manifestou em Picos uma modalidade de ações conhecido como *Campus Avançado* que eram bases de operações que as universidades mantinham em estados distantes, caracterizando assim, pela presença constante de universitários e professores na região onde se encontravam a sede do Campus.

Para isso, se observa na fala transcrita abaixo que o governo começava a instalar vários *campi* avançados em algumas regiões do país e o Campus avançado de Picos foi instalado no bairro Junco sendo um projeto de extensão das universidades em outros estados distantes e a Universidade Federal de Goiás (UFG) instalou seu campus avançado em Picos, promovendo um processo de desenvolvimento na educação e expansão do ensino superior, no qual:

[...] esse pertencia à rede do Projeto Rondon, que criou no Brasil, 21 campi, prioritariamente nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste. E convidou as universidades do Centro-Sul, inclusive Goiás [...]. O Campus de Picos foi o que nos foi oferecido. O Projeto Rondon ofereceu o Campus de Picos a UFG, que através de um convênio, pelo qual Rondon fazia todas as despesas. O objetivo era a realização de estágios supervisionados profissionalizantes. Supervisionados por professores nossos, com programas criados por professores nossos, em nossos departamentos (UFG) para serem realizados lá, de acordo com a comunidade de lá. Para isso tinha que fazer pesquisa lá.

⁷¹ SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

⁷² Ibid., p. 37.

Iam muitos professores para lá. Picos foi a nossa primeira experiência com Campus Avançado. Trabalhamos 12 anos lá⁷³.

Para a instalação do campus avançado de Picos no bairro Junco foi realizado um convênio entre a Universidade de Goiás e a Prefeitura municipal de Picos⁷⁴, pelo o campus avançado se justifica:

A existência do Campus Avançado de Picos justifica-se pela tarefa da integração nacional, a ser realizada também com a colaboração da Universidade de Goiás, visando transformar a microrregião S1 do Piauí em polo de desenvolvimento, carregando para lá a teoria e a técnica representada pela colaboração dos professores e alunos da UFG, e de outras instituições conveniadas, visando a preparar a mão-de-obra especializada local, para enfrentar as tarefas do desenvolvimento, dando oportunidade aos alunos de ampliarem seus conhecimentos em uma área carente do país, e com isto, exercitando-se um melhor desempenho de suas tarefas específicas⁷⁵.

Sendo assim, os universitários visavam contribuir para o desenvolvimento do país ajudando nos âmbitos educacionais, na saúde, na infraestrutura, proporcionando uma condição de vida melhor para os picoenses e povoados próximos, com o propósito de tentar solucionar os problemas e melhorar a condição de vida da população.

Assim o Campus Avançado ligado à Universidade Federal do Goiás (UFG) instalado na cidade de Picos no bairro Junco ficou em atividade durante doze anos⁷⁶. Mas a população picoense ansiava por ter seu próprio campus, o Campus de Picos e quando ocorreu a transferência a UFG deixou o campus sem que houvesse nenhum prejuízo à população⁷⁷ pois:

[...] a iniciativa partiu do Projeto Rondon e a UFG espera que tudo seja resolvido da melhor modo possível, para que não possa haver prejuízos para a comunidade. Esta também é a ideia do Projeto de Picos, Dr. Abel de Barros Araújo, que vem acompanhando com grande interesse todos os passos da transferência. [...] no final de setembro, a UFG estará deixando definitivamente a diretoria do campus, assim como a coordenação dos trabalhos realizados⁷⁸.

⁷³ CASSIMIRO, M. R., 2009 apud MENDONÇA, Z. G. C. **Extensão: uma política de interiorização da Universidade Federal de Goiás (1972-1994)**, 2010, p. 157. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

⁷⁴ SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

⁷⁵ UFG, 1978. Apud MENDONÇA, Z. G. C. **Extensão: uma política de interiorização da Universidade Federal de Goiás (1972-1994)**, 2010, p. 157. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. p. 159.

⁷⁶ SOUSA, op. cit.

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ A UFG deixará o Campus Avançado de Picos. **O Macambira**. Picos 31/08/1984, p. 11.

E assim ocorreu a implantação do Campus Avançado da UFG para seu próprio campus, o Campus de Picos, realizando um desejo da população picoense que queriam a participação direta da Fundação Federal do Piauí, e a instalação do Campus universitário em Picos, foi assinado em 1978 como um convênio com a UFG e a UFPI juntamente com o prefeito da época Severo Maria Eulálio, pois a população queria um ensino de nível superior na cidade, já que quando os jovens terminavam o segundo grau para continuar os estudos tinham que ir estudar nos grandes centros, pois a cidade não possuía nenhum curso a nível superior, assim como nos relata Oneide Rocha: “Quando os filhos terminavam um bom ginásio tinham que ir para um grande centro, como Recife, Fortaleza ou Salvador”⁷⁹. Assim sendo, mediante o desejo da população em ter seu próprio Campus na cidade de Picos ligado à Universidade Federal do Piauí, foi assinado o convênio com o prefeito da época o Dr. Severo Maria Eulálio, mas o grande problema agora, depois de sua transferência seria encontrar um local adequado para que as aulas fossem ministradas corretamente e o único local adequado, pois possuía grandes propriedades, era a diocese de Picos e assim a UFPI esperava:

“[...] Para tanto, a UFPI, espera através de entendimentos com a Diocese de Picos, poder utilizar as instalações do Centro de treinamento, o que sem dúvidas, além de redução do custo e do tempo de implantação dos cursos, levaria a comunidade a participar do processo”⁸⁰.

Como mencionado acima havia um problema quanto à instalação provisória do Campus na cidade de Picos, visto que a construção do prédio fixo do campus seria no fundo do Campus Avançado no bairro Junco, o impasse era a sua construção provisória. Foi sugerido dois locais para o campus: o Hospital São Vicente de Paulo ou o Grupo Escolar Justino Luz. A preferência pelo local caberia à Universidade Federal, que optou pelo grupo escolar.⁸¹

Vendo seu desejo se tornar realidade à população picoense realiza em seu próprio campus o primeiro vestibular que ocorreu em 1981. Os primeiros cursos oferecidos foram os de Letras, Ciências, Estudos sociais, Administração e Supervisão Escolar ofertando cada um 40 vagas, sob a direção do campus estava o médico José Nunes de Barros.

O prefeito Dr. Severo Maria Eulálio, desejava juntamente com a população um campus universitário na cidade de Picos ligada à Universidade Federal do Piauí, mas, não pode ver seu sonho ser realizado, com uma história trágica seu sonho e sua carreira foram

⁷⁹ A UFG deixará o Campus Avançado de Picos. **O Macambira**. Picos 31/08/1984, p. 11.

⁸⁰ Editorial. Ensino Superior em Picos. **O Macambira**. Picos 28/09/1978, p. 1.

⁸¹ SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

interrompidos em decorrência de um acidente automobilístico quando ia tratar de assuntos para a implantação do Campus universitário de Picos, que hoje recebe o nome de campus Senador Helvídio Nunes de Barros⁸².

Em pleno mandato de Prefeito Municipal, veio a falecer, em desastre automobilístico, no dia 24 de novembro de 1979, nas proximidades da cidade de Valença, quando, em Viagem a Teresina, lá iria pegar o avião para Goiânia, a serviço da instalação da Faculdade de Picos, sua terra natal⁸³.

Como se percebe, Severo Maria Eulálio na época prefeito da cidade, político que priorizava uma melhor condição de vida para os habitantes da cidade na qual governava, carregava consigo o desejo de instalar o campus universitário na cidade para atender a população no âmbito da educação superior.

A ditadura Civil-Militar, a implantação do Projeto Rondon, a construção da transamazônica, a instalação do 3º BEC, entre outros acontecimentos influenciaram direto ou indiretamente em Picos, tanto no processo de modernização, como na memória individual ou coletiva dos seus moradores.

Todos os pontos acima anunciados foram abordados com a intenção de auxiliar e ampliar o conhecimento em relação os episódios que cercam o Brasil e Picos na época da ditadura, como também, levantamos ou deixamos em aberto algumas lacunas que possivelmente e/ou futuramente serão pontos de partidas para novos trabalhos.

Todos os conteúdos abordados nos ajudaram a evidenciar e analisar algumas das diversas vertentes que se formaram sobre a cidade de Picos, os excursos quando abrangíamos o Brasil se fez pertinente e relevantes para a compreensão do processo de “desenvolvimento” de Picos, pois dificilmente conseguiríamos analisar e discutir a história de uma cidade do interior sem que se tivesse acesso ao que lhe moldaria, sem o conhecimento das suas influências dificilmente teríamos uma base ou algo um pouco mais sólido para compreendermos o momento histórico da cidade de Picos na década da ditadura Civil-Militar.

Sendo assim, portanto, procuramos compreender o impacto dos acontecimentos que marcaram aquele período na história do Brasil, e conseqüente na de vida daquelas pessoas que viviam em Picos naquela época, com a finalidade de analisar a trama histórica dos atores sociais implicados nos acontecimentos vividos em Picos na década de sessenta do século passado.

⁸² Helvídio Nunes de Barros era membro de uma das famílias com maior tradição política em Picos, foi representante do Partido Arena (Aliança Renovadora Nacional) na década de 1970.

⁸³ MÁCEDO, J. A.. Maria Severo Eulálio. **O Macambira**. Picos 31/10/1982, p. 8.

No capítulo dois será apresentada uma nova interpretação de como a população picoense reagiu frente à ditadura Civil-Militar e a utilizou como uma forma de se manter no tradicionalismo.

3 CAPÍTULO 2 – A memória e construção de uma ditadura branda em Picos

3.1 Ordem, segurança e modernização em Picos

Os discursos que circundam Picos em relação à ditadura civil-militar receberam diversas interpretações ao longo dos anos, mas por se acreditar que algumas lacunas ainda permanecem insatisfatórias, se buscou analisá-las partindo de algumas instituições, como: o 3º BEC, a imprensa picoense e os depoimentos dos entrevistados nos quais se deu maior ênfase, pois são eles que, direta ou indiretamente, vivenciaram esse período em Picos.

O primeiro passo para se compreender o momento histórico de Picos na década da ditadura Civil-Militar é considerar as diversas novidades que surgiram nesse período como avanço econômico e tecnológico. Acredita-se então, que aliado a essa consideração e as fontes as quais se teve acesso, é possível analisar a maneira como as pessoas ou as instituições se expressavam nesse período tendo como foco a existência ou não de grupos militantes contra a ditadura Civil-Militar, bem como analisar se vigoravam e quais eram as práticas de repressão comuns aos subversivos em Picos.

É de suma importância consideramos, também, que as novidades que surgiram na década da ditadura Civil-Militar em Picos a empurravam para modernização. Nos depoimentos dos entrevistados foi possível perceber que alguns deles atribuem esses avanços ao período da ditadura, como se pode observar nas palavras de Raimunda Fontes:

[...] a população começou a construir casas com mais alicerce com mais material de cimento concreto. E a cidade melhorou o aspecto, surgiram prédios novos, casas novas, ganhou uma nova roupagem, uma outra cidade surgiu, foi marcante nessa época também começou depois em 1960 muitas mudanças em termos culturais em termos políticos foi uma reviravolta a nível nacional, houve muitas, mais muitas mudanças mesmo nessa época. Agora os anos 70 realmente foi um ano de uma efervescência em todos os setores tanto o setor político como o setor econômico no setor cultural⁸⁴.

Percebe-se também no depoimento de Olivia Rufino:

Assim só pra eu dizer duas coisas que a ditadura fez em Picos, o começo da transamazônica que muito ajudou, até onde foi não teve culpa porque saiu do governo um começa e outro termina. O governo não vai morar, e sobre o analfabetismo, ele mandou pra cá um trem chamado Mobral, e o nordeste todo espetacular, e um projeto chamado projeto Rondon o governo brasileiro

⁸⁴ MOURA, Raimunda. Fontes. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro 2015.

fez no junco uma casa imensa com alojamentos completos de todos os móveis, a casa no junco era pra alojar a equipe do projeto Rondon de todo o Brasil mais especialmente de Goiânia, eles nos ensinaram a educação piauiense tudo o que faltava nossa educação foi muito boa na escola normal. Foi a federal em Teresina que eu fiz, depois aqui na federal. Mas o projeto Rondon trouxe pra gente novidades e coisas boas da vida do Sul do país e do centro-oeste que estava em evidencia no Brasil inteiro,[...] o exército brasileiro quando chegou foi uma riqueza eles faziam estrada, poços cartesianos, barreiros, ajudava no ginásio de Picos material escolar, material de educação física; mandavam um soldado me ajudar a preparar os alunos para o 7 de setembro até o ônibus pra levar para excursão. Não posso dizer minha filha que a ditadura é uma coisa tão boa porque o bom é uma democracia, mas nós nunca tivemos uma democracia no Brasil, falar a verdade aqui nunca houve democracia, agora com a corrupção com os bandidos⁸⁵.

Sendo assim, de acordo com Raimunda Fontes e Olivia Rufino o período ditatorial foi positivo, mesmo ambas se enquadrando no discurso de que a “ditadura não é coisa boa”, afirmam que essa forma de governo trouxe avanços como a melhoria nas construções das residências e na cidade em geral, além dos avanços nos setores político, econômico e cultural, melhorias em algumas localidades. Como se pode perceber na fala de Olivia Rufino a visão positiva da ditadura é relacionada à chegada do 3º BEC em Picos, segundo a depoente este trouxe muitas melhorias para essa região, contribuindo assim para o desenvolvimento de Picos.

No relato abaixo reafirma-se a ideia de que algumas pessoas tinham uma visão positiva da ditadura, atribuindo a esse regime alguns avanços dessa época:

No tempo da ditadura quando os ditadores entraram minha filha, o Brasil estava entre as nações do mundo era a 58ª de 200 e tantas e quando chegou um tempo aí nós estávamos em sexto lugar dentre os países do mundo durante a ditadura [...], essa foi a melhora que eu senti não falo na segurança que você podia sair qualquer hora da noite sozinha se tivesse coragem ou voltar pra casa⁸⁶.

Olivia Rufino atribui o avanço do país ao período ditatorial e, além disso, a segurança nas ruas. De acordo com Olivia Rufino e Raimunda Fontes tanto a cidade de Picos como o Brasil cresceram com a “ordem e o progresso” da ditadura.

Utilizou-se também a fala da Raimunda Fontes e Olivia Rufino para levantar questionamentos, como: será que a população picoense acreditava que as melhorias como a

⁸⁵ BORGES, Olivia. Silva. Rufino. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha**. Picos (PI). 18 de dezembro de 2015.

⁸⁶ Ibid.

qualificação das construções de moradias (para citar o exemplo presente na fala de Raimunda Fontes) foi exclusivamente feita pela ditadura (ou pelo 3º BEC e qual era a intenção dessa instituição)? Será que a população picoense nessa época tinha consciência dos motivos da efervescência do setor político, econômico e social? (e quais eram esses motivos?) Como o povo de Picos tinha conhecimento dessas mudanças, quem as transmitia? Qual era a posição política e ideológica dos que sabiam e transmitiam essas mudanças, e o mais importante como eram transmitidas essas mudanças e como a população picoense as recebeu? Alguns desses questionamentos se farão presentes nesse trabalho. Foi realizada a tentativa de analisar alguns, outros foram levantados para aguçar a reflexão e posicionamento, pois dificilmente conseguiria uma abordagem completa e lúcida de todos eles.

São vários os questionamentos levantados aqui e em outros trabalhos, mas algo que se pode perceber em vários trabalhos realizados sobre o período da ditadura civil-militar é em relação às transformações que esse período trouxe tendo um alcance nacional e em determinados momentos chegando a modificar as estruturas sociais de vários lugares, influenciando nas condições de existir em Picos durante a ditadura civil-militar.

Sobre a memória coletiva de acordo com Le Goff, podemos observar:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva⁸⁷.

Por isso é de suma importância consideramos os depoimentos como um discurso, pois os depoimentos estão constituídos consciente ou inconscientemente de diversos fatores que afetam a memória, como se observa nas palavras de Halbwachs:

O autor em vez de tratar a memória isoladamente, busca sua compreensão na relação homem-sociedade. Ele não vai estudar a memória em si, mas os “quadros sociais da memória”. Nesta perspectiva, lembrar-se é uma ação coletiva, pois, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo.

A reconstrução do passado, portanto, irá depender da integração do indivíduo em um grupo social que compartilha de suas experiências. Será esse grupo que dará sustentação a suas lembranças. Porém, segundo, Halbwachs, é indispensável que haja entre o grupo e o memorialista uma identidade, através da qual se evidencie uma memória coletiva.

⁸⁷ LE GOFF, J. 1924 **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 426.

Conseqüentemente, o isolamento ou a falta de contato com o grupo significará a perda do passado.⁸⁸ (sic)

De acordo com a citação anterior, a memória não se constitui neutra, pois diversos fatores a influenciam como o grupo social e o memorialista que lhe direciona a uma identidade.

Tendo como base uma vasta bibliografia referente à ditadura civil-militar no Brasil e os depoimentos concedidos, foi possível evidenciar que dentro da conjuntura da ditadura civil-militar no Brasil criou-se um discurso de que nas regiões periféricas e interioranas do país não houve uma ditadura com repressão, aliado a esse discurso estava inserido uma população com costumes e valores tradicionais, nesse caso estamos falando especificamente de Picos, provavelmente em consequência disso cristalizou-se na memória dos depoentes a ideia de uma ditadura branda em Picos, além disso, construiu-se a ideia de uma ditadura que trouxe o progresso para a cidade.

Sair de um modo de vida tradicional dentro de uma sociedade como Picos era uma tarefa desafiadora e aliada a esse aspecto estava também presente o desenvolvimento da cidade com a chegada do 3ºBEC, a construção da transamazônica e o PIN, todos esses “avanços” que acontecerem como já foram analisados no capítulo anterior servem para demonstrar as mudanças que estavam acontecendo em Picos, e que serviram para construir um discurso sobre a ditadura Civil-Militar na cidade, além disso, novidades como calças jeans, minissaias, manifestações estudantis nas ruas, modernização e avanço tecnológico fizeram parte do cenário dos anos sessenta e setenta na maioria das cidades brasileiras.

As inovações e as manifestações causaram impactos nas grandes cidades que se encontravam mergulhadas em um estilo de vida tradicional, mudanças como essas poderiam modificar toda a estrutura social de uma comunidade alterando ou suprimindo valores já enraizados nas sociedades tradicionais, isso falando em relação às grandes cidades, então; como a população picoense convivia com essas modificações? Mesmo sendo, “o ponto em que a grande malha rodoviária passou a se encontrar”⁸⁹ Picos se manteve com uma sociedade tradicional por muito tempo e quase nunca se abriu para “novidades”.⁹⁰

⁸⁸ HALBWACHS apud FREITAS, S. M. **História Oral:** possibilidades e procedimentos. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. p. 42.

⁸⁹ MOURA, J. E. S. Os Múltiplos Dizeres Sobre A Cidade: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014. p.73.

⁹⁰ Tradicional em relação a religião com “a moral pautada em normas e regras impostas pela igreja” , e dificilmente se modernizaria em relação aos costumes, crenças e hábitos, tendo como referencia a religião cristã.

Todas as novidades que estavam acontecendo no mundo no século XIX, como a modernização causaram impacto até mesmo nas populações das grandes cidades e conseqüentemente Picos também sentiu essas transformações.

Uma cidade interiorana pautada em valores tradicionais, talvez não veria com bons olhos os novos tempos então se agarraram à ditadura com a chance de conservar os seus costumes, crenças e tradições, colocar ordem no setores econômicos e sociais, como se pode observar na fala de Raimunda Fontes:

Muitas que passaram da ditadura militar, defendiam, meu pai ele defendia, a minha família e muitos picoenses e as pessoas daquela época defendia a ditadura militar em termo de ordem, disciplina que o medo era de gerar um anarquismo no Brasil na época com a entrada do comunismo eles pregaram isso, mas também a questão econômica da não inflação que se comprava e a gente tinha que estocar o mantimento porque podia acabar aquele mantimento e o preço ia disparar, preço de aluguel, preço de tudo o fator econômico, pai defendia demais essa parte e passava pra gente as vantagens da ditadura que na realidade existiu mesmo assim um freio pra não deixar o anarquismo tomar conta do Brasil⁹¹.

Com isso pode-se observar, de acordo com a memória dos depoentes, que a ditadura civil-militar era vista por eles positivamente, e que influenciou significativamente em Picos, não se quer dizer com isso, que os depoentes viam a ditadura civil-militar com bons olhos, que eles apoiavam a tortura, a censura ou a repressão, não, pelo contrário acreditavam que os meios utilizados pelos ditadores era muito cruel, mas defendem que o sistema ditatorial foi extremamente necessário, parafraseado Raimunda Fontes a ditadura serviu como “um freio pra não deixar o anarquismo tomar conta do Brasil”, como todo sistema de governo existem os dois lados, o bom e o ruim.

Todos os depoentes retrataram os pontos positivos e negativos da ditadura-civil militar, e todos concordaram que não houve em Picos uma ditadura tão forte como nos outros lugares.

Essas declarações nos despertaram a atenção por que a partir delas transpareciam quase que uma “verdade absoluta” que não houve tortura nem repressão em Picos nesse período.

Novidades referentes às inovações da época como o uso de minissaia, posicionamento critico frente aos acontecimentos políticos, rebeldia entre outras “novidades”.

⁹¹ MOURA, Raimunda. Fontes. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro de 2015.

Ao serem entrevistados, os depoentes picoenses deixaram transparecer idas e vindas em vários anos diferentes⁹². Por isso se torna relevante consideramos a memória dos picoenses para antes e depois do período da ditadura por acreditar que a memória de um determinado tempo não é formada apenas e restritamente dentro daquele recorte temático podendo sofrer influência de anos posteriores e anteriores e até mesmo ser influenciado por acontecimentos atuais como se pode observar na fala de Olivia Rufino comparando alguns acontecimentos da ditadura Civil-Militar com o período em que a sociedade brasileira se encontra atualmente. Além do mais, na fala da entrevistada, pode-se observar como ficou marcado em sua memória a relação da ditadura em relação à “ordem” e o “progresso do país”, mesmo estando evidente o lado cruel da ditadura.

Hoje o Brasil tá vivendo um período um anarquismo você não é mais dono de nada do que tem, se rouba hoje não tem mais controle isso é anarquismo que eu acho, então isso ai não existia com a ditadura militar, agora pra mim o que foi triste era as notícias das torturas as pessoas tratar um ser humano que nem um animal se trata daquele jeito, com tortura a gente tinha notícias de pessoas amigas da gente que estudavam fora foram torturadas que foram tomado seus empregos, foram exilados foi muito triste essa parte ai essa questão da falta de respeito humana isso foi a parte cruel da ditadura e que hoje eu não sei se o Brasil continuando da forma que está como é que nós vamos ter condições de sobreviver. Os assaltos e crimes tá um descontrole tem que haver alguma coisa pra colocar rédeas nesse país eu acho que a nossa presidente perdeu o controle o rumo de direcionar quem ela colocar nas mãos o poder pra conter estas violências. É o seguinte Ditadura, Ditadura jamais nunca mais, mas alguma coisa tem ser, tem que existir uma medida⁹³.

Acredita-se, de acordo com Freitas, que: “História é sinônimo de memória, havendo uma relação de fusão. Elas não se distinguem. A história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras”⁹⁴.

Na reconstrução do passado, a linguagem auditiva que se baseia essencialmente no uso da voz, exercerá um papel fundamental. Pois é como discurso⁹⁵ que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente. Além disso, a voz é um elemento em si mesmo. Suas variações dão sentido ao texto transmitido,

⁹² Como podemos observar na entrevista da depoente Olivia Rufino que vai do período da ditadura civil-militar e dar um salto para governo da presidenta Dilma fazendo até mesmo relações e comparações.

⁹³ MOURA, Raimunda. Fontes. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro de 2015.

⁹⁴ FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. p. 35.

⁹⁵ Acreditamos na ideia que esse discurso visava à manutenção da forma de vida tradicional em que Picos se encontrava.

transforma-o, dando-lhe, muitas vezes, um significado além do que foi meramente dito.

Porém, é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento⁹⁶.

Além de continuidade e descontinuidades e das contradições, se deve considerar que a memória é construída através da seletividade e do esquecimento, como se pode observar em Freitas na seguinte citação:

A seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Do ponto de vista psicanalítico, o esquecimento não é visto como um fenômeno passivo ou uma simples deficiência do organismo. As lembranças que 'incomodam' são expulsas da consciência, mas continuam atuando sobre o comportamento no inconsciente. Portanto, selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual⁹⁷.

De acordo com o que Freitas evidenciou anteriormente vários pesquisadores defendem a ideia de que “todo documento é questionável, todo documento escrito ou iconográfico é limitado e subjetivo” e isso não poderia ser diferente com a história oral.

A ordem, a segurança e a modernização em Picos “trazidas” pela ditadura civil-militar, se mantiveram na memória das pessoas como algo mais presente na sociedade picoense do que a tortura e a repressão trazidas por esse período em todo o Brasil, que mesmo a perseguição e controle exercido pelo 3º BEC não foram suficientes para desenhar na memória dessas pessoas um quadro de tortura e perseguição, que evidenciamos através das análises das entrevistas e dos relatos de jornais.

Além disso, a inovação, a modernidade, a manutenção do tradicionalismo estiveram presentes na época da ditadura civil-militar em Picos, o que ajudou na construção da ideia de uma ditadura sem tortura e perseguição em Picos.

Ao falarmos de modernização e manutenção do tradicionalismo, poderíamos imaginar que seriam de lugares distintos e separados, mas, no entanto, na cidade de Picos, ambas características se manifestaram fortemente o tradicionalismo da cidade pacata e religiosa

⁹⁶ FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. p. 27.

⁹⁷ Ibid., p. 37.

permaneceu ao lado do crescimento da cidade com a chegada de projetos, instituições de diferentes áreas.

De acordo com Ikaro de Fontes Gois⁹⁸ em seu texto *A oposição em Picos durante os anos de chumbo*, afirma que: “A religiosidade sempre foi marca importante na vivência cotidiana de Picos, desde a época em que era apenas uma vila”, ainda nas palavras de Ikaro:

A religiosidade sempre foi marca importante na vivência cotidiana de Picos, desde a época em que era apenas uma vila. Grandes acontecimentos religiosos marcaram a religiosidade da cidade, como a primeira missa celebrada pelo Padre Antônio Leal, assim como a chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios, em 1847, posteriormente, dando origem a freguesia e a grande construção da Igreja Matriz. Todos esses elementos fizeram de Picos, um centro de religiosidade e fé, principalmente a nível estadual⁹⁹.

Além disso, a igreja teve um papel importante na sociedade picoense, como fica ilustrado na seguinte citação:

Mas, a religiosidade em Picos, também, foi importante nos anos de chumbo, pela grande presença de grupos de jovens, pastorais e associações religiosas que ajudaram à população picoense na busca por uma percepção do conhecimento crítico da realidade, pondo os problemas sociais em questão, durante o Regime Militar¹⁰⁰.

Mas pelo que realmente esses movimentos religiosos lutavam? Mas até que ponto essa sociedade religiosa queria mudar, já que a ditadura civil-militar lhe dava possivelmente “todo” o “conforto de uma sociedade tradicional religiosa”.

Tendo em vista que Picos é uma cidade tradicional e bastante religiosa, algumas novidades não seriam facilmente introduzidas no convívio diário dessa cidade, que mesmo almejando as inovações que o progresso traria, não desejava extinguir alguns costumes. Deseja-se dizer, então, que, por vários motivos como o de permanecer numa sociedade de costumes tradicionais, (porém, deve-se ressaltar mais uma vez que existiam grupos religiosos que lutavam contra a ditadura) com a marca presente da religiosidade, a ditadura pode ser vista por alguns picoenses como uma coisa boa, pois, dava diversos sinais de que era pautada em uma “moral tradicional” que prezava pelos “bons costumes” e tinha como um de seus

⁹⁸ FONTES, I. G. **História e memória**: a oposição em Picos durante os anos de chumbo. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

⁹⁹ Ibid.

¹⁰⁰ Ibid.

objetivos manter a ordem e que mesmo reprimindo¹⁰¹ essa repressão era observada pela a população como forma que o governo tinha de pôr ordem na desordem, ou seja, mais uma vez reafirmamos que o período ditatorial em Picos era visto positivamente por essa sociedade¹⁰², por isso, acreditamos que por muitos anos a imagem da ditadura em Picos foi observada inúmeras vezes por esse ângulo, criando assim um discurso positivo¹⁰³ principalmente na memória de quem viveu nesse período, onde se cristalizou a imagem de uma ditadura que trouxe progresso e ordem para a cidade como observamos nos depoimentos anteriores.

De acordo com o que foi evidenciado anteriormente, serão utilizados os relatos dos depoentes, acreditando que todos têm como finalidade transmitir uma ideia, um discurso e um significado, buscando, assim, analisá-los e interpretá-los além do que foi dito, pois:

[...] essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir. Além de nos possibilitar o conhecimento de diferentes "versões" sobre determinada questão, os depoimentos podem apontar continuidade, descontinuidade ou mesmo contradições no discurso do depoente¹⁰⁴.

De acordo com Freitas:

[...] Paul Thompson argumenta que inventar um passado imaginário, que deve ter acontecido, é uma forma de preservar suas crenças e sua ideologia. E que a subjetividade é de fato a única força da História Oral, pois aquilo em que o depoente acredita é, para ele, mais importante do que aquilo que realmente aconteceu. Sabemos que as memórias são fragmentadas, e que nós as reconstruímos enquanto falamos¹⁰⁵.

A subjetividade dos depoentes, de acordo com Paul Thompson, pode alterar no imaginário do depoente aquilo que aconteceu de fato para algo que ele queria que acontecesse. Como foi visto, muitos relatam memórias positivas sobre a ditadura, que ao serem analisadas puderam evidenciar fatos cruéis como perseguição e tortura, ou seja, aquilo que eles acreditam de fato não foi o que ocorreu, talvez foi a maneira que encontraram para não sofrerem com os atos cruéis desse regime.

¹⁰¹ O que dificilmente acontecia de acordo com vários entrevistados.

¹⁰² Entendemos por positivamente o discurso de que em Picos não houve um período ditatorial tão repressor e torturador como o observado em outras cidades, pois de acordo com os entrevistados nesse período Picos se encontrava em um cenário de ordem e progresso.

¹⁰³ Reforçamos a ideia da nota anterior de que pode ser considerado positivo se comparada a outros lugares.

¹⁰⁴ FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. p. 28.

¹⁰⁵ THOMPSON apud FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

Com isso, não se pretende estabelecer a ideia de que os depoentes apoiavam a ditadura. Aconselha-se uma reflexão maior sobre um possível meio que os depoentes adotaram para se relacionarem com os ditadores, sem que com isso precisassem entrar em confronto com eles.

3.2 Controle, perseguição e repressão em Picos

Como foi visto no capítulo anterior, Picos nessa época passava por mudanças econômicas, sociais e culturais e se destacava como o município modelo da região nordeste.

De acordo com Oneide Rocha já despontava no cenário piauiense e nacional com um comércio pujante e um grande lençol freático, como se pode ver explícito na seguinte citação:

Picos era ainda uma cidade muito provinciana pequena, mas já em novembro de 1965 Picos recebeu o título de município modelo do Piauí pelas suas potencialidades, primeiro, pela questão rural agrária, Picos era um município de minifúndios não era um município que tinha latifúndios, Picos era entroncamento rodoviário considerado celeiro agrícola do Piauí, já despontava um comércio pujante e já tinha também o grande lençol freático, esse título foi dado pelo INDA-Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário que depois se transformou em INCRA daí é que vem essa questão de cidade modelo, mas não é cidade em termos urbanos é município modelo então economicamente era uma cidade que já despontava no cenário piauiense e nacional¹⁰⁶.

Diante da imagem de uma cidade interiorana, mas que poderia desenvolver uma crescente economia através de suas potencialidades, Picos despertou facilmente o interesse dos governantes com o intuito de arrecadar cada vez mais verbas governamentais para o bolso de alguns políticos¹⁰⁷ corruptos. Então, como não poderia despertar o interesse dos ditadores, com o objetivo de controlar uma região que possivelmente com a sua modernização traria “problemas” para esse regime, sendo assim, é possível indagar que dificilmente os que faziam parte da ditadura deixariam “sem controle” uma região que despontava rapidamente.

Diante dessas colocações pode-se questionar o que de fato ocasionou a chegada do 3º BEC, de acordo com Oneide Rocha:

¹⁰⁶ ROCHA, Maria. Oneide. Fialho. **Entrevista cedida e Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI). 20 de janeiro de 2016.

¹⁰⁷ Ver mais sobre o assunto em ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. As malvadezas da identidade. In: **Revista NUDOC**. João Pessoa: UFPB, 1996.

[...] e ai assim na década de 70 Picos começou a deslanchar chegou o 3º BEC trazendo outros costumes e também como forma de segurança nacional o 3º BEC não veio pra Picos inocentemente não, veio por que era um entroncamento rodoviário de uma cidade que despontava no nordeste por que Picos é o segundo maior entroncamento rodoviário do nordeste, ai veio o 3º BEC na época pra um pouco calar a voz dos estudantes universitários teve o Projeto Rondon todo mês chegava um grupo do projeto Rondon aqui em Picos que era a sede do projeto Rondon é ali na frente da universidade inclusive onde tem aquela quadra inacabada então trouxeram novos ares como se diz [...] ¹⁰⁸ (sic).

O 3º BEC possivelmente teve como objetivo, rastrear e controlar a população de Picos, provavelmente isso ocorreu frente à promessa de que Picos seria uma região que cresceria rapidamente a sua economia, com isso os olhos dos poderosos se voltaram para Picos e a sua gente, agindo ativamente na cidade. A ditadura em Picos se fez presente de diversas formas como na censura, na perseguição e no controle.

Para reforçar a ideia de perseguição e tortura, ressaltamos um trecho da entrevista de Oneide Rocha:

Inclusive o próprio 3º BEC tinha o nome dos professores, todo mundo era fichado lá no 3º BEC, era vigiado quer dizer, a gente sabia disso e foi proibido os jovens cantarem essa música na Igreja os jovens e o pessoal que participava do cursilho. Um dia o padre Alfredo chamou e disse que não era mais pra cantar a música por que tava sendo muito vigiado tudo. olha os cursilho de cristandade nos encontros de fim de semana sempre tinha gente, militares, quer dizer, eles conviviam com a gente, quer dizer numa boa, como se fosse a coisa mais inocente do mundo, más a gente sabe que eles tavam ali pra saber que movimento era aquele, pra saber qual o conteúdo de palestras, então as músicas a gente sabia que as músicas de Chico Buarque eram censuradas... então nós já conversávamos nesse grupo de jovens nos querendo saber da realidade a mocidade que não sabia muito ¹⁰⁹. (sic).

No relato anterior de acordo com a nossa fonte oral é possível perceber que a mesma acredita que houve o controle e perseguição em várias instituições como na igreja, abordado anteriormente por Oneide Rocha, além disso, pode-se destacar nessa fala que era de conhecimento geral da população de Picos o controle e perseguição que o regime civil-militar desenvolvia, como ressaltamos anteriormente outras instituições também sofreram com essas pressões.

¹⁰⁸ ROCHA, Maria. Oneide. Fialho. **Entrevista cedida e Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI). 20 de janeiro de 2016.

¹⁰⁹ Ibid.

Em outro relato da depoente Oneide Rocha ressalta-se o controle que os ditadores tinham em relação ao conteúdo em sala de aula abordado pelos professores e, por conseguinte o controle com os alunos, questionada, se alguém foi reprimido em Picos na época da ditadura Oneide Rocha relata que:

Lembro que uma vez eu dava aula no colégio das irmãs no ginásio e lá isso foi 1968 as meninas começaram a criticar fazer algumas críticas de repente eu recebi uma visita querendo saber o que aconteceu no colégio na minha sala de aula, digo aconteceu atividade normal que acontece em sala de aula conversa entre professor e alunos, más o que que esses alunos, então você que era vigiado em tudo¹¹⁰.

Não foi apenas Oneide Rocha que relatou essa perseguição, como se pode observar na fala de Raimunda Fontes:

[...] ai em 1966 quando eu já estava concluindo a última etapa do ginásio a gente tinha um conhecimento mas limitado sobre a ditadura militar sei que a gente tinha mais era medo, porque a gente tinha notícias de jovens presos torturados e a gente tinha medo que chegasse aqui essa questão também das torturas das prisões então a gente tinha medo e os pais recomendavam Escute mais não fale nada é muito perigoso comentar alguma coisa a respeito da ditadura militar a gente não podia questionar em termos nada no colégio a gente começamos a questionar também os jornalinhos e tudo isso foi boicotado a gente foi limitado não podia ler livros que falavam sobre... que era como um dedo pra gente naquela época nem Fidel Castro também¹¹¹.

Em relação à perseguição e repressão na época da ditadura Civil-Militar Raimunda Fontes relembra que:

Nós fazíamos um jornalzinho eu sempre gostei de desenhar era num papel jornal num muralzinho a gente fazia ai um colega ele colocou parece que foi assim “ o maravilhoso paraíso de Fidel” ai colocou umas fotos de Fidel ai a gente foi lá botou uns elogios de também levada ai o diretor do ginásio que era militar perguntou quem tinha feito ai ele disse já sei essa letra aqui já sei de quem é ai rasgou o jornalzinho fez a fogueirinha queimou e mandou chamar nossos pais e nos proibiram de ter amizade com esses colegas, e na rua se a gente tivesse fardado era proibido falar com qualquer um deles era expulsa do colégio, suspensão isso eu posso falar porque eu vivi isso ai¹¹².

¹¹⁰ ROCHA, Maria. Oneide. Fialho. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 20 de janeiro de 2016.

¹¹¹ MOURA, Raimunda. Fontes. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro de 2015.

¹¹² MOURA, Raimunda. Fontes. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro de 2015.

Questionada se sabia de alguém que sofreu algum tipo de repressão a depoente diz que não. Porém, como foi percebido na citação anterior, ela nos relata inconscientemente que estudou em uma escola controlada por militares, sendo perseguida, pois ao evidenciar de que fora proibida de falar com alguns colegas nos transmite a ideia de perseguição e ainda nos relata que se por algum motivo continuassem o contato com esses colegas seria suspensa ou expulsa, admitindo assim inconscientemente a repressão que sofrerá.

Pode-se afirmar então, que a depoente mesmo nos afirmando que não sofrerá repressão foi um exemplo dos casos de controle, perseguição e repressão sofridas pela ditadura, em Picos.

Difícilmente ficaria cristalizado na memória da população, assim como dos depoentes, que a ditadura Civil-Militar em Picos foi um período duro e implacável, pois a instalação do projeto Rondon, do 3º BEC entre outras instituições instaladas em Picos ligadas direta ou indiretamente a esse regime tinha como objetivo moldar a mente da mais nova região que dava demonstração de um crescimento econômico. A instalação dessas instituições serviria para suprir algumas necessidades para a qual se desenvolvesse ainda mais, e inerente a isso, usada como uma manobra estratégica para criar dois posicionamentos que moldaria a visão da população picoense: a primeira seria que a ordem, a segurança e a modernização traria para Picos ainda mais desenvolvimento sem abalar com as características tradicionais dessa região, a segunda seria que a instalação dessas instituições traria para Picos o discurso de que a ditadura seria a grande progressora desse desenvolvimento, criando assim a visão positiva sobre a ditadura, dificilmente então a história conseguiria reescrever na memória desse povo a ideia de uma ditadura não branda, mesmo passado alguns anos a história da ditadura ainda é recente, Picos ainda guarda e relata a ditadura como um legado positivo, mas como evidenciamos, fica nítido a presença de aspectos cruéis da ditadura em Picos que inconscientemente e indiretamente nos foram relatados, digo inconscientemente pois os depoentes como haviam mencionado anteriormente nos relatava que não sofreram com perseguição e repressão e no entanto o que nos revelaram foram as vivências de repressão e perseguição.

Outro aspecto cruel da ditadura foi a tortura, porém quando se estuda a ditadura Civil-Militar em Picos esse aspecto não é abordado, pois se reproduziu o discurso de que não havia acontecido nenhum caso de tortura nessa região. Mas a morte do prefeito Severo Eulálio nunca foi abordada profundamente dentro desses estudos, e muito menos foi investigada a

fundo pela polícia, o aumento de homicídios na cadeia de Picos, a tortura a preso são acontecimentos que ainda precisam de investigação.

Picos por ser ainda uma cidade interiorana com costumes tradicionais, bem como uma elite política tradicional, possui enraizado na sua memória a construção de um discurso, talvez se a cidade tivesse se modernizado economicamente e social, a continuação desse discurso tivesse sido alterado ou pelo menos sofrido algum tipo de modificação, a permanência e a conservação de lideranças políticas, lideranças regionais em Picos pode ter influenciado na permanência da ausência de relatos mais fortes sobre a ditadura, eventos como os citados anteriormente a morte do prefeito Severo Eulálio, as mortes nas cadeias, os relatos de torturas a presos, são exemplos de lacunas e falhas existentes na construção da história da ditadura Civil-Militar em Picos¹¹³.

A maioria dos depoentes contou a história da inexistência de torturas em Picos, no entanto os jornais da época traziam repetidas vezes à informação de presos torturados, os depoentes que nos trouxeram informações sobre a tortura em Picos excluía qualquer relação com a ditadura, como é narrado pelo Odorico Carvalho:

[...] agora a tortura em Picos nunca foi de cunho político a tortura era o comum dos meios policiais de prender e arrebentar com quem quisesse. Uma prática que era comum aqui em Picos, prendia uma pessoa aqui obrigava ela a tomar uma garrafa de azeite e soltava no mato isso foi comum aqui todo mundo sabe, então isso é um absurdo soltava a pessoa no mato sem água sem nada a pessoa morria e depois você via os urubus e quanto a isso nem se fala todo tipo de tortura e é claro que a sociedade civilizada não pode aceitar a tortura como instrumento nem de investigação nem de repressão e nem de nada a tortura é um absurdo¹¹⁴.

Mesmo sabendo que esses eventos ocorriam durante a ditadura e sabendo que a classe policial estava intimamente ligada a esse regime, que as causas da morte ou da tortura não eram relatadas em nenhum momento Ozildo Batista supõe a relação da ditadura com a tortura:

Eu me recordo do jornal já ter denunciado essa questão de que utilizavam a cadeia de Picos para a execução de algumas pessoas depois eu enfrentei essa questão mais de perto quando fui presidente da OAB já agora em 1995-98 ai eu mergulhei lá dentro [...] então desde de quando se descobriu que os senhores para impor a sua força a primeira coisa que construía era uma força numa cidade para se criar uma cidade primeiro tinha que se construir

¹¹³ Consideramos pertinentes deixamos essa discursão para uma pesquisa futura, onde investigaremos mais profundamente essas lacunas.

¹¹⁴ CARVALHO, Odorico. Leal. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de agosto de 2016.

uma forca e fica sempre o senhor apontando pra lá nenhum senhor ia pra forca más o cidadão por qualquer coisa era colocado lá naquela forca perdia a vida num espetáculo público¹¹⁵.

A tortura possivelmente sempre foi uma estratégia utilizada pela ditadura em vários lugares onde este regime se fez presente, mas será que até mesmo em Picos ela se fez presente? Em uma cidade do interior do nordeste que a princípio não atrairia o olhar dos ditadores, como isso se faria possível? Será que os fatos narrados por Ozildo Batista tinham mesmo relação com a ditadura?

Perguntado a Odorico Carvalho se sabia de alguém que sofreu com repressão, perseguição ou tortura durante o período da ditadura civil-militar, o depoente nos diz que não, no entanto, em uma fala sobre o *Jornal Voz de Picos* nos relata que:

Hoje a tortura é menos visível, más de vez em quando se sabia o que ocorria na cadeia de Picos, a gente vive sabendo de ocorrências e cabia a gente como jornalista denunciar essas coisas, sempre fizemos isso nos jornais que eu ajudei a fundar que foi que **o Jornal de Picos que ainda hoje tem edições a Folha picoense de Erival Nunes foi onde escrevi por muito tempo e por isso eu terminei até sendo processado por causa de matérias**, que a imprensa sempre incomoda e o Voz de Picos que era um tabloidisinho no início mimeografado más tinha a coragem de balançar a sociedade¹¹⁶. (grifo nosso)

Mesmo o depoente afirmando não saber de alguém que sofreu repressão ou tortura, percebe-se na citação anterior que repressão, controle perseguição e tortura estiveram presentes, pois ao relatar que “hoje a tortura é menos visível, mas de vez em quando se sabia o que ocorria na cadeia de Picos” nos evidencia que na cadeia de Picos aconteciam fatos cruéis e cautelosos, pois se sabe que a classe policial estava ligada intimamente a esse regime. O entrevistado inconscientemente nos relata que sofreu com controle e perseguição ao relatar que, em consequência das matérias que escrevia para o *Jornal Voz de Picos*¹¹⁷, foi processado isso é um fato explícito de controle e perseguição.

Junto com os relatos de que não houve tortura em Picos sempre ouvíamos também a afirmação de que não havia uma forte ditadura, mas é possível evidenciar que houve sim, pois, com base nas entrevistas, se pode perceber diversos relatos que nos contam o medo que as pessoas tinham do sistema ditatorial e, além disso, mesmo nos contando exatamente o

¹¹⁵ BARROS, Ozildo. Batista. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 20 de agosto de 2016.

¹¹⁶ CARVALHO, Odorico. Leal. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de agosto de 2016.

¹¹⁷ Odorico Leal Carvalho escrevia para o jornal *Voz de Picos* nos anos de 1970.

contrário de que não sofreram com perseguição, torturas ou qualquer outro ato cruel relacionado a esse sistema. Porém não é isso que se observa nas falas, uma vez que percebe-se que os depoentes fazem o uso de termos que amenizam a situação.

Perguntado a Odorico Carvalho como as pessoas contrárias ao regime de 64 faziam para se manifestar foi nos relatado que:

Olha em Picos na verdade não havia, quando o regime militar tomou o poder a primeira coisa que os regimes totalitários fizeram foi claro **calar a imprensa** extinguem os partidos políticos que na época já tinha quase trinta como hoje que tem trinta também, e chamou todo mundo e disse aqui nós vamos ter somente dois partidos um pra apoiar o regime e o outro pra ser contra foi criado a ARENA e o MDB, só que o que ia ser contra era uma **oposição consentida**, permitida, **tinha os limites de serem contra, quando alguém exagerava nisso geralmente era cassado** e dentre esses que se mantiveram contra tinha o Dr. Severo Eulálio que foi prefeito em Picos, pai do deputado Kleber que era uma pessoa de cultura altíssima e tinha inclusive um respeito muito grande dentro do exército ele era chamado muitas vezes para fazer palestras para o exército, então ele fazia uma oposição mas não era aquela oposição de vale tudo, então aqui em Picos praticamente **nós não tivemos oposição no sentido de pregar o uso de força contra a ditadura não, havia as conversas que eram contra, mas contra a ação mesmo refletida de combater não se tinha,[...].**¹¹⁸ (grifo nosso)

O uso de palavras ou termos como “calar a imprensa”, “oposição consentida”, releva muito além do que o depoente quer que seja captado. Pode-se evidenciar o termo “oposição consentida” como uma palavra escolhida pelo subconsciente para se remeter a ideia de perseguição repressão. Foi possível observar o uso de algumas com a intenção de amenizar algo ou alguma coisa, ou seja, para se referir a um acontecimento que poderia ser renomeado por uma palavra mesmo afável do que a que foi utilizada.

E em fala posterior sobre o jornal *Voz de Picos*, nos relata outra posição:

Foi criado no momento em que já havia mais uma certa abertura mas a gente combatia ferozmente a direita aqui, então cada edição que saia era um reboiço, a gente ia pra a Câmara que na época Ozildo foi vereador e a gente ia pra assistir os debates era confusão alta e o jornal era mais essa oposição violenta que digo do ponto de vista verbal na inteligência a gente bolava caricaturas em Teresina pra fazer pra gente charges essas coisas todas, então chegou uma vez na Câmara precisou de reforço para não haver confusão usou a força da polícia¹¹⁹.

¹¹⁸ CARVALHO, Odorico. Leal. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de agosto de 2016.

¹¹⁹ Ibid.

É possível reforçar ainda mais esse viés interpretativo:

Então a gente colocava sempre de uma maneira cuidadosa porque a sigla da censura que poderia ter nunca veio mas poderia ter já tinha uma alta censura que era imposta por tudo aquilo que a gente lia nos meios de comunicação em Picos a gente recebia tinha amigos que mandavam viajavam e traziam o *jornal Pasquin* que era o jornal de esquerda, jornal movimento que era o jornal em forma de tabloide o Pasquin era muito forte, muitas vezes foram apreendidas várias edições e a gente se informava nisso, tinha muita gente que participava mas nunca no sentido de vamos combater todas as formas de ditadura¹²⁰.

Como se pode observar nas duas falas anteriores, Odorico Carvalho relembra como se devia agir em relação à ditadura.

Podem-se constatar formas cruéis da tortura desde perseguição até assassinatos bárbaros, portanto, é possível afirmar que a ditadura em Picos se mostrou cruel exatamente para fazer aquilo que lhe era designado, reprimir qualquer ato que fosse contrário a esse regime e não seria Picos que estaria fora do controle dos ditadores.

Nos relatos dos depoentes se pode perceber que o uso ou a troca de certas palavras interferem diretamente na construção do discurso e da memória das pessoas que conviveram ou não nesse período, o uso de palavras que remetem a uma ditadura branda que foi alimentado no imaginário da população picoense por muito tempo, cristalizando assim, o discurso positivo sobre um regime ditatorial atribuindo-lhe o desenvolvimento da região.

¹²⁰ Ibid.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que todas as falas abordadas refletem a ideia de que muito da história pode ser compreendida nas entrelinhas, através de uma análise profunda da confrontação de falas é possível chegar a conclusões diferentes. Às vezes as considerações não são as mesmas que os depoentes desejam nos retratar.

Portanto, se pode concluir a ideia de que a instalação do 3ºBEC se deu primeiramente como uma estratégia de controle, repressão e perseguição e até as torturas (como foi visto nos presídios) foram formas da ditadura construir a sua força em Picos. Além disso, o discurso construído serviu para ajudar a cristalizar a ideia de ditadura branda.

Outras questões evidenciam ainda mais o interesse que o regime militar tinha em controlar a região de Picos seja ela com a chegada do Projeto Rondon, com a instalação do 3º BEC, ou ainda com a instalação do Campus Universitário de Picos, onde este último ainda traz em si vários pontos que poderiam ser abordados em pesquisas futuras como um grande revelador do controle e da postura dos ditadores em Picos, como por exemplo, o estudo aprofundado da morte do prefeito de Picos¹²¹ na época da ditadura Civil-Militar poderia comprovar que a atuação desse regime não foi tão branda como costumamos ouvir.

Questões como essas poderiam ampliar ainda mais o conhecimento sobre a atuação do regime civil-militar em Picos, um tema muito abordado, mas que requer um novo posicionamento que se encaixe com a inquietação dos novos pesquisadores, porém, essa abordagem será deixada para uma pesquisa futura.

¹²¹ BARROS, Ozildo. Batista. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 20 de agosto de 2016. Como foi abordado por Ozildo Batista: “ai foi quando Severo ia para Brasília ia providenciar esses documentos ocorreu aquele “acidente” em que ele foi vitimado um acidente cheio de mistérios porque era uma reta esse motorista de severo também é um mistério, mas ele admitiu como motorista dele e tudo e acabou ocorrendo esse acidente morreu Severo e o funcionário de Campus que era Lourival e o motorista não morreu bateu num veículo que estaria estacionado um caminhão e também esse caminhão não aparece o veículo de Severo incendiou e o caminhão não más eu não sei o que foi que os órgãos policia apuraram, na época ninguém se interessou em pesquisar essas condições misteriosas da morte de Severo más eu acho que ele morreu exatamente para retardar a vinda do curso Superior para Picos porque havia na realidade uma conjuração para impedir que as pessoas do povo tivessem acesso ao conhecimento, ao saber, a leitura aos bens ao progresso da humanidade havia uma conjuração não era uma proibição não que na proibição existe uma ordem de não acontecer aquilo e alguém tem que obedecer, más na realidade havia essa conjuração silenciosa que ninguém sabia quem que mandava e quem era que obedecia mas já era assim antes e continuava assim, impedia qualquer tentativa de avançar[...], de acordo com Ozildo Batista provavelmente a morte de Severo Eulálio seria uma forma que os ditadores tiveram para controlar o desenvolvimento de Picos, pois naquele momento não era favorável para esse regime a instalação do campus, acreditamos então que se faz necessário uma pesquisa mais aprofundada desse assunto, pois ainda existem questionamentos que necessitam serem esclarecidos.

Diante de uma historiografia local que retratava a ditadura Civil-Militar em Picos como branda, como um regime que não demonstrou a sua força, sua autoridade sobre a população, foi possível observar então, fontes que foram interpretadas dando um novo olhar para a atuação desse regime em Picos, rompendo com a tradicional história de uma ditadura branda evidenciando aspectos como perseguição, controle, repressão e tortura como em todos os outros lugares ao qual a ditadura se fez presente.

REFERÊNCIAS E FONTES

a) Livros, Capítulos de Livros, Artigos de Revistas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. As malvadezas da identidade. In: **Revista NUDOC**. João Pessoa: UFPB, 1996.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELGADO, L. A. N. **História oral, memória, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, R. **A Reconstrução de uma cidade: Plano de desenvolvimento para Picos**. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002. 137 p.

FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

JUCÁ, G. N. M. As trilhas opcionais nos caminhos da história. In: VASCONCELOS, J. G. et al.(Org.). **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001.

LIMA, G. A. B.. **“A contestação, um fenômeno mundial”**: movimento estudantil e a ditadura-civil-militar nos primeiros anos do Projeto Rondon (1967 – 1969). Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340545664_ARQUIVO_GabrielAmato-TextoparaaANPUH2012.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, L. C.; SANTOS, G. M.; NETO, M. L. S. O Programa de Integração Nacional (PIN) junto ao Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (1972/1974). **Revista Univap**, v. 13, n. 24, 2006. Disponível em: <http://www.univap.br/univap/pro_reitorias/int_uni_soc/revista/RevistaUnivap24.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.

MOTTA, R. P. S. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, v. 138, p. 93-105, 1998.

NAPOLITANO, M. **História do regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 12.

PEREIRA, C. A.M. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PRAVATO, C. M. **Projeto Rondon e Ensino no Brasil**: construção de uma aliança entre conhecimento empírico e científico. Universidade Salgado de Oliveira-Universo/Juiz de Fora p.2. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pravato-camila-projecto-rondon-e-ensino-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

REIS FILHO, D. A. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 á Constituição de 1988. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

SILVA NETO, M. A. Políticas Públicas, propaganda e movimentos sociais na Amazônia do período militar. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimentos históricos e diálogo social, 22 a 26 de Julho de 2013, Natal-RN. ANPUH. **Anais...** p. 02. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1394142879_ARQUIVO_PAPER.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

b) Teses, Dissertações e Trabalhos de conclusão de curso

FONTES, I. G. **História e memória**: a oposição em Picos durante os anos de chumbo. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

MENDONÇA, Z. G. C. **Extensão**: uma política de interiorização da Universidade Federal de Goiás (1972-1994), 2010, p. 157. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MOURA, J. E. S. **Os Múltiplos Dizeres Sobre A Cidade**: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

RODRIGUES, L. B. A. **Cidade sob as águas de março**: História e Memória de Picos no período das (pós-) enchentes (1960). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011.

SOARES, F. M. **O Governo Médici e o Programa de Integração Nacional (Norte e Nordeste)** - Discursos e políticas governamentais (1969-1974). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SOUSA, C. A. **Atuação do Projeto Rondon na cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

c) Fontes

COSTA, C. Projeto Rondon estende agora sua ação ao Nordeste. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 7, 22 jan. 1972.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. A arqueologia do saber/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JUSBRASIL. **Decreto-lei 1106/70 | Decreto-lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970.**

Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/125994/decreto-lei-1106-70>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

MÂCEDO, J. A. Maria Severo Eulálio. **O Macambira**. Picos 31/10/1982, p. 8.

NOVA frente. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, ano LXXX, nº 61, p.14, 18 junho de 1970.

d) Fontes hemerográficas

Jornal O DIA, 1994, nº 1206.

Jornal O Macambira, edição nº 111.

Jornal O Profeta, edição nº 24.

Jornal Tribuna de Picos, ano 7, número 20.

Jornal Voz de Picos, ano I, nº 12.

Jornal Voz do Campus, ano I, edição número 6.

e) Entrevistas

BARROS, Ozildo Batista de. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 20 de agosto de 2016.

BORGES, Olivia da Silva Rufino. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI). 18 de dezembro de 2015.

CARVALHO, Odorico de. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de agosto de 2016.

MOURA, Raimunda Fontes de. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos**. Picos (PI), 16 de dezembro de 2015.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista cedida a Edna Maria Rocha Santos.** Picos (PI).
20 de janeiro de 2016.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Edna Maria Rocha Santos,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Memória e Modernização: Os acontecimentos sociais e
econômicos que influenciaram Picos na época da Ditadura Civil-Militar
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de maio de 2017.

Edna Maria Rocha Santos
Assinatura

Edna Maria Rocha Santos
Assinatura